

# Cartas de frei Joaquim de Santo Agostinho, abade de Lustosa, a D. frei Manuel do Cenáculo

Francisco Vaz\* e Cristiano Cardoso\*\*

## RESUMO

Neste trabalho transcrevem-se as cartas que frei Joaquim de Santo Agostinho França Galvão, abade de Lustosa, enviou a D. frei Manuel do Cenáculo, bispo de Beja e depois arcebispo de Évora. Apresenta-se uma breve notícia biográfica destes dois eclesiásticos e um guião de leitura das 25 cartas, datadas entre 1792 e 1802. Na transcrição das cartas atualizou-se a ortografia para uma melhor compreensão do conteúdo, mas mantiveram-se aspetos formais e protocolares característicos da época. Trata-se de um estudo com interesse para uso de fontes históricas primárias, particularmente no domínio da história cultural e política.

## ABSTRACT

*In this work we transcribe the letters that friar Joaquim de Santo Agostinho França Galvão, abbot of Lustosa, sent to friar Manuel do Cenáculo, bishop of Beja and afterwards archbishop of Évora. It is presented a brief biographical information of these two clerics and a reading script of the 25 letters, dated between 1792 and 1802. In the transcription of the letters, the spelling was updated for a better understanding of the content, but formal and ceremonial aspects characteristic of the time were kept. This is a study with interest to be used by primary historical sources, particularly in the field of cultural history and politics.*

## PALAVRAS-CHAVE

Cartas, fontes históricas, biografia.

## KEYWORDS

*Letters, historical sources, biography.*

\* Professor do Departamento de História da Universidade de Évora.

\*\* Técnico Superior de Ciências Históricas da Câmara Municipal de Lousada.

## INTRODUÇÃO

As cartas foram, ao longo dos tempos, um dos meios privilegiados para comunicar entre os homens. O seu sucesso e importância para a cultura e literatura estão sobejamente comprovados e reconhecidos ao longo da história, bem como a afinidade entre a carta e amizade. Exemplos clássicos como as *Cartas de Sêneca a Lucílio* ou, muitos séculos depois, as cartas de Melâncton (10.000), de Bullinger (12.000) e de Lísio (4.300) atestam bem como este género de fontes ocupa um lugar de privilégio, que as torna fundamentais para a compreensão do pensamento ocidental. Podemos mesmo dizer que as cartas ofereciam aos intelectuais, pelo menos desde o século XVI, a possibilidade de um “trabalho em rede”, trocando informações relevantes, debatendo os temas, fossem eles de índole religiosa ou científica, e, como reconhece Walter Rüegg, apesar da concorrência do jornal e da revista, que, desde 1656, se apoderaram de algumas das funções tradicionais da carta, “o diálogo pessoal por meio de carta subsistiu como forma preferida da comunicação intelectual até a utilização do telefone” (Rüegg, 2002, p. 24).

A sua popularidade entre as elites intelectuais terá atingido o seu expoente no século XVIII, que, com razão, tem sido chamado o “século das cartas”. Faz assim todo o sentido publicar a 25 cartas que o abade de Lustosa, frei Joaquim de Santo Agostinho, escreveu entre 1792 e 1802 a D. frei Manuel do Cenáculo. Faz também sentido dar uma referência biográfica destes dois membros da elite eclesiástica portuguesa.

## 1. UM REFORMADOR E PRÍNCIPE DAS LETRAS

D. frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas (1724-1814) nasceu numa família de gente humilde e encontrou na Igreja, como tantos outros, o apoio para dar asas ao seu dinamismo e vontade de ser útil à sociedade. Entre os cargos que exerceu, destacam-se o de provincial da Terceira Ordem de S. Francisco, preceptor de D. José, o Príncipe da Beira, deputado e presidente da Mesa Censória, bispo de Beja e arcebispo de Évora. Foi um homem de Estado, colaborador ativo do reformismo aplicado pelo Marquês de Pombal e, sobretudo, um autêntico Príncipe das Letras.

No seu percurso existencial vemos o trajeto de um homem de fé, um racionalista e pedagogo, animado por uma verdadeira paixão pelo saber. Com efeito, as iniciativas pedagógicas e científicas ocupam um lugar de primeiro plano na sua ação política e pastoral, nomeadamente a participação na reforma da Universidade de Coimbra (1772), o plano de estudos para a Terceira Ordem, o lançamento de um autêntico programa de estudos para os párocos em Beja e o impulso dado à criação de bibliotecas e museus (Vaz, 2009a). Neste último domínio são de destacar o papel que teve para salvaguardar para o Estado os fundos bibliográficos dos colégios dos jesuítas, o apoio para a criação da Real Biblioteca Pública da Corte, a futura Biblioteca Nacional e, a culminar toda a sua ação biblioteconómica, a fundação da Biblioteca Pública de Évora, em 1805.

Podemos dizer que Cenáculo foi um bispo reformador, um verdadeiro homem das Luzes, não só as da revelação, mas também as da ciência. Daí que, ao longo do seu episcopado, em pé de igualdade com as questões da missão e da catequização das po-





**FIGURA 1.** Retrato a óleo de D. frei Manuel do Cenáculo (Biblioteca Nacional de Portugal).

pulações, estejam as preocupações com o “pão nosso de cada dia”, a miséria, a fome e as doenças dos povos. Foi para atalhar esses flagelos que afetavam a maioria da população que participou ativamente com os governantes, como Pina Manique, Ferrari Mordau e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na resolução das questões económicas do Alentejo, nomeadamente a colonização e a produção. Colaborou com autores de memórias económicas, como Domingos Vandelli, José António de Sá e o abade Correia da Serra, para fazer o diagnóstico do estado da agricultura e da população, mandando os párocos fazer inquéritos, ouvindo propostas sobre a criação de sociedades económicas, pronunciando-se contra as usuras que subjugavam os agricultores<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> No plano das ideias económicas, Cenáculo defendia um agrarismo, muito em voga no seu tempo, que o levou a ter participação ativa nas políticas económicas (Vaz, 2002, pp. 273-281).

O nome de Cenáculo está também associado à história, como garantia da memória dos povos, à história da arte – a sua coleção de obras será o núcleo base da fundação do Museu de Évora – e à arqueologia. Neste último domínio, tem sido justamente considerado o primeiro arqueólogo português, até porque ele próprio dirigiu e acompanhou escavações para encontrar vestígios das civilizações antigas, como deixou expresso a propósito dos trabalhos em Sines e Troia (Caetano, 2005; Patrocínio, 2006).

## 2. FREI JOAQUIM DE SANTO AGOSTINHO – BREVE APONTAMENTO BIOGRÁFICO

O abade de Lustosa, frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão, nasceu em Tavira, a 19 de maio de 1767. Foi uma das personalidades mais eruditas do seu tempo. A sua memória biográfica já obteve contributos muito válidos, com distinção, desde logo, para o académico João Baptista da Silva Lopes, que, em 1845, desenvolveu, na forma de elogio fúnebre, um elaborado e completo ensaio (Lopes, 1845) nesse sentido<sup>2</sup>. Presentemente, o âmbito deste trabalho não nos permite maior desenvolvimento, pelo que nos deteremos apenas num breve sumário da sua vida e obra, em linha com o que já foi apresentado pelo seu biógrafo coevo, procurando, pontualmente, completar ou corrigir algumas informações.

Ingressou na Ordem de Santo Agostinho no convento da Graça, em Lisboa, onde professou, em junho de 1783, com 16 anos. Logo nesse ano, seguiu para o colégio da sua congregação, em Coimbra, para estudar Filosofia, matriculando-se na Universidade, em 1786, no curso de Teologia, que concluiu, obtendo o grau de licenciado, no ano de 1792. Nas suas cartas para Cenáculo manifesta diversas vezes a sua mágoa por não adquirir o grau de doutor, alegadamente por falta de patrocínio dos seus “protetores”<sup>3</sup>. Ainda como estudante começou a lecionar Retórica e Poética no colégio da Graça de Coimbra. Em 1789 escreveu o *Ensaio sobre a história da língua portuguesa*, que apresentou à Academia das Ciências de Lisboa e que lhe valeu a nomeação como sócio correspondente do número, com apenas 22 anos.

A conclusão da licenciatura libertou-o para assumir outros desafios, podendo então dedicar-se a propostas de carácter científico, promovidas no âmbito da Academia das Ciências de Lisboa. Dentro deste espírito foi nomeada uma comissão composta por jovens académicos incumbida de visitar os cartórios e identificar documentos relevantes para a história do reino. Desse grupo fazia parte o futuro abade de Lustosa, juntamente

---

<sup>2</sup> Mais recentemente, outros autores renovaram o interesse por esta personalidade, procurando atualizar e completar a sua biografia (Fernandes, 2014; Cardoso e Sousa, 2015, pp. 51-52).

<sup>3</sup> Frei Joaquim era protegido dos Forjaz Pereira, entre os quais se destacavam os dois irmãos frades, António e Joaquim Forjaz, ambos da Ordem de Santo Agostinho. A obtenção do grau de doutor implicava o pagamento da respetiva propina, para além das despesas relacionadas com o cerimonial (aquisição do traje, por exemplo). A questão financeira não seria um problema da família dos patronos, admitindo-se que passasse antes por alguns preceitos políticos, conforme alega frei Joaquim na sua carta 4. Também era necessário dar precedência aos licenciados mais antigos, situação que poderia trazer algumas demoras ou implicações burocráticas.



com o célebre diplomata João Pedro Ribeiro e o autor do famoso *Elucidário...*, frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo, entre outros. Frei Joaquim de Santo Agostinho ficou responsável por visitar e examinar os arquivos do Algarve e de Beja, os mosteiros de Alcobaça e de São Vicente de Fora e o senado de Lisboa. No decurso deste trabalho, quando andava a pesquisar os fundos da Câmara Municipal de Tavira, localizou e identificou a *Crónica da Conquista do Algarve*. Foi, igualmente, autor, entre outras, da obra *Memória sobre as moedas do reino e conquistas*, que existe como manuscrito na Torre do Tombo. Ambas foram publicadas no primeiro tomo das *Memórias de literatura portuguesa*. Todo este empenho ter-lhe-á valido o reconhecimento da sua Academia, que o nomeou sócio livre, em 1794, e sócio efetivo da classe de Literatura, no ano de 1798.

Paralelamente, continuava a lecionar no colégio da Graça de Coimbra, ficando responsável pelas cadeiras de Teologia Moral, Exegética e Direito Canónico, a partir de 1794. Em 1795, o cardeal patriarca também o convidou para professor de Ética e de Direito Natural, no seminário de Santarém.

No ano de 1798 obteve breve de translação para a Ordem de São Bento de Avis, na qual professou.



**FIGURA 2.** Retrato a óleo de frei Joaquim de Santo Agostinho, pertencente à paróquia de Lustosa (Dalmática - Conservação e Restauro, 2012).

Um ano depois foi confrontado com a notícia que viria a mudar radicalmente a sua vida. Tendo vagado a abadia de São Tiago de Lustosa, com a morte do padre José António Camelo, D. Miguel Pereira Forjaz, senhor do padroado desta igreja e futuro conde da Feira (2.<sup>a</sup> titulação), indicou frei Joaquim para suceder no cargo<sup>4</sup>. Nas suas cartas ficou bem expresso um certo descontentamento por esta nomeação, principalmente por não ter sido consultado previamente, porque, se o fosse – di-lo de forma perentória – rejeitaria. Ao mesmo tempo, o sentimento que manifesta é de profunda resignação, aceitando com espírito de missão as novas funções que o destino divino lhe apresentava.

A sua intensa atividade religiosa, política e cultural fez com que se ausentasse várias vezes da paróquia. A mais longa ausência ocorreu entre 1809 e 1822. Este longo afastamento terá estado relacionado com três situações distintas. Tendo-se criado, no Porto, a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, presidida pelo bispo D. António de Castro, na sequência da primeira invasão francesa, frei Joaquim foi nomeado secretário militar do exército, com a patente de major. A esta nomeação não terão sido alheios a sua erudição e competência para desempenho do cargo e o posicionamento político que manifestava, alinhado com o do seu protetor, D. Miguel Forjaz.

Também o arcebispo de Braga não foi indiferente às capacidades evidenciadas por frei Joaquim, assim como à recomendação especial que Cenáculo lhe tinha transmitido. Por duas vezes o indicou para visitador de algumas igrejas e, em 1817, nomeou-o vigário apostólico da diocese de Bragança, cargo que lhe conferia atribuições de gestão quase equivalentes às do bispo. Em reconhecimento destes serviços, foi nomeado prelado doméstico de Sua Santidade e, em 1823, o rei D. João VI condecorou-o com uma comenda da Ordem de Avis.

Foi eleito deputado, em 1822, ficando como 1.º substituto por Penafiel e como 4.º substituto pelo círculo de Braga. Os acontecimentos políticos registados em Portugal no ano seguinte, que resultaram no restabelecimento do regime absolutista e consequente dissolução das Cortes, levaram a que nunca fosse chamado para substituir outro deputado, não fazendo sequer o juramento, ou seja, não teve assento no parlamento.

Após esta fase, que durou cerca de 15 anos, durante a qual as atividades culturais, eclesásticas e políticas o afastaram do seu ministério paroquial, não registámos ausências muito prolongadas da sua abadia. Foi abade da igreja de Lustosa durante 45 anos. No seu testamento, incumbiu o Dr. Maurício José Gomes Pereira, bacharel formado em Cânones, senhor da Casa do Rego, em Lustosa, da custódia de vários escritos da sua autoria, mas não foi possível apurar o destino destes documentos.

Faleceu a 4 de junho de 1845 e foi sepultado na capela-mor da igreja de Lustosa. Os seus amigos e pares fizeram-lhe uma homenagem através da colocação de uma placa memorativa junto à sua sepultura.

<sup>4</sup> Neste ponto errou o seu biógrafo ao atribuir o direito de apresentação do pároco de Lustosa ao conde da Barca (Lopes, 1845: fol. 5), título que nem sequer existia ainda, levando a que outros autores também caíssem no mesmo erro (Fernandes, 2014, p. 3). O padroado de Lustosa pertenceu aos senhores (e não condes) da Barca durante séculos, mas nesta época detinha-o, por herança, D. Miguel Pereira Forjaz. Sobre a questão da evolução do direito de padroado da igreja de Lustosa veja-se Cardoso e Sousa (2015, pp. 18-23).





**FIGURA 3.** Placa memorativa existente na capela-mor da igreja de Lustosa.

### 3. GUIÃO PARA UMA LEITURA DAS CARTAS

Na ação de frei Manuel do Cenáculo a correspondência teve um papel determinante, como temos mencionado em anteriores estudos (Vaz, 2009b, 2011, 2015). A correspondência de Cenáculo comprova a afirmação, já referida, de que o século XVIII é o “século das cartas”, um meio privilegiado de informação escrita entre as elites, nas diversas vertentes da vida política e também científica. De facto, Cenáculo tinha uma rede de correspondentes nacionais e estrangeiros cujas cartas chegaram até nós, totalizando um acervo de 6.416 cartas, sendo 1.013 de frei Manuel do Cenáculo e 5.403 de correspondentes<sup>5</sup>. Neste conjunto integram-se as 25 cartas que frei Joaquim de Santo Agostinho escreveu a frei Manuel do Cenáculo. Embora o abade Lustosa não seja um dos correspondentes mais assíduos, ocupa, no entanto, um lugar de destaque<sup>6</sup> e podemos considerá-lo como mais um dos “clientes” do bispo de Beja.

<sup>5</sup> Destas, 4.269 foram repertoriadas por Alexandre Gusmão, onde se incluem as 25 de Joaquim de Santo Agostinho, abade de Lustosa. É provável que se encontrem muitas outras cartas de frei Manuel do Cenáculo em outras bibliotecas. Publicámos recentemente as cartas de dois assíduos correspondentes de Cenáculo que estavam inéditas e não tinham sido catalogados por Gusmão (Vaz, 2015).

<sup>6</sup> Das pesquisas feitas resulta o seguinte ranking para os correspondentes mais assíduos de D. frei Manuel do Cenáculo: Nicolau Pagliarini (164), Joaquim José da Costa Sá (116), os irmãos Rafael e Pedro Mohedano (115), Juan Buytrago (92), Manuel Joaquim da Silva, arcebispo de Adrianopoli (91), Alexandre Faria Manuel (91), frei Vicente Salgado (87), D. Gregório Mayans y Siscar (44); Manuel Bernardo de Melo e Castro, visconde da Lourinhã (42), Luís Pinto de Sousa, visconde de Balsemão (39), Marcos Castelli (34), frei José Lourenço do Valle (30) e frei Joaquim de Guadalupe (26).

As cartas de frei Joaquim de Santo Agostinho são mais um exemplo que comprova a mentalidade clientelar, característica das sociedades do Antigo Regime, que anotámos relativamente a outros correspondentes (Vaz, 2015). Frei Joaquim é um dos jovens frades que, através das suas cartas, solicita a proteção de Cenáculo e por isso, como bom cliente, elogia a obra literária do bispo de Beja, em particular a obra *Cuidados literários*, mas também as pastorais, e solicita apoio para conseguir a sua graduação. Na carta de 28 de outubro de 1793 participa a Cenáculo a sua chegada a Coimbra, fala-lhe dos obstáculos que têm posto à sua graduação e pede para pôr o nome daquele no frontispício das suas *Conclusões*. Em troca oferece os seus préstimos, pondo Cenáculo ao corrente da vida universitária de Coimbra ou enviando textos das obras que está a preparar com João Pedro Ribeiro.

Para a nossa leitura foi, ainda, interessante constatar que este tipo de fontes históricas consegue sempre surpreender e provocar interesse. Com efeito, ficámos a saber que o abade de Lustosa foi professor no seminário de Santarém e que se opôs à política do reformador Bento José de Sousa Farinha, cuja biografia e obra foram o tema central de um anterior trabalho (Vaz, 1993), constituindo, assim, uma boa surpresa e uma oportunidade para voltar a esse tema. O conflito entre Bento Farinha e frei Joaquim de Santo Agostinho resultava da inimizade que o primeiro nutria pelos frades, em parte porque, em 1777, teve de deixar o colégio do Espírito Santo, em Évora, onde foi professor de Filosofia, quando o rei deu o colégio aos frades da Terceira Ordem, em grande medida devido a intervenção de Cenáculo. A partir daí, os seus textos têm sempre alguma aversão aos regulares e a defesa, mais ou menos intransigente, de que os estudos fossem assegurados por seculares. Bento Farinha correspondeu-se também com Cenáculo e chegou mesmo a estar algum tempo em Beja, no paço episcopal. Depois do magistério, em Évora, foi para Lisboa, onde foi professor de Filosofia Racional e bibliotecário da Biblioteca da Ajuda.

Outro aspecto muito interessante da vida de frei Joaquim de Santo Agostinho, que jamais seria conhecido não fora a leitura e divulgação destas cartas, tem a ver com a sua reação à inesperada nomeação para a abadia de Lustosa. Já atrás referimos como esta notícia o apanhou completamente desprevenido e como tivera vontade de recusar. As primeiras cartas que frei Joaquim enviou de Lustosa são muito reveladoras da profunda tristeza que se abateu sobre ele durante os primeiros tempos, vendo-se afastado das atividades científicas e do convívio de Lisboa e Coimbra. Apesar disso, para além de cumprir as suas funções como cura de almas, ainda tem ensejo para criar uma aula de primeiras letras para as crianças da paróquia, lamentando unicamente que, podendo ter dezenas de alunos, por ser a freguesia populosa, contasse apenas com seis pupilos.

Importa finalmente referir alguns aspectos formais que utilizámos na transcrição das cartas. O primeiro é que atualizámos a ortografia para melhor compreensão dos textos e de acordo com os critérios seguintes:

- a) Manteve-se a sintaxe original (pontuação, parágrafos, etc.);
- b) Nas citações em língua estrangeira, incluindo as latinas, manteve-se a grafia do original;
- c) Eliminaram-se as consoantes duplas (ex: reppresentantes/representan-



tes, villa/vila, etc.);

- d) Atualizou-se a grafia, substituindo-se o “z” pelo “s”, o “x” pelo “s” e o “ph” pelo “f”, bem como o uso do c (ex: precioza/preciosa; extranha/estranha; metaphysico/metafísico; cena/scena);
- e) Atualizaram-se os ditongos (ex: representaçoens/representações);
- f) Atualizou-se a acentuação das palavras (ex: publica/pública);
- g) Mantiveram-se as maiúsculas, mesmo nos casos que, para nós, não faziam sentido, porque pensamos constituírem uma prática e resultarem de um estado e contexto característicos da época;
- h) Suprimiu-se o “h” nas palavras, de acordo com grafia atual (ex: hum/um, catedral/catedral, etc.).

## 4. TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS

### CARTA 1 – 30-08-1792

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Certo da feliz jornada de V. Ex.<sup>a</sup> e da boa saúde que aí tem gozado, não tinha outro motivo, que me obrigasse a distrair os cuidados de V. Ex.<sup>a</sup> que todos agora se devem encaminhar à conservação da sua preciosa vida. Aguardei sempre a presente ocasião, como a mais oportuna para ir prostrar-me aos pés de V. Ex.<sup>a</sup> depor sobre os sentimentos da minha gratidão, que extremamente sinto não poder manifestá-la de outra maneira menos equívoca; mas ela deixará de o ser, se Deus conservar a vida de V. Ex.<sup>a</sup> à medida dos meus desejos, e a mim o juízo, e a memória. Se não vou aproveitando de todo pela ausência de V. Ex.<sup>a</sup> o tempo, que tive a honra de o escutar rendeu muito; por que os Documentos de V. Ex.<sup>a</sup> eram ótima semente, que caía em terra menos má. Eu amo no meu trato lisura, e sinceridade ativa, e passivamente e V. Ex.<sup>a</sup> quer o mesmo por certo; e assim deixe-se V. Ex.<sup>a</sup> persuadir da sinceridade das minhas expressões: que eu há muito tempo desejava ver a V. Ex.<sup>a</sup> e o amava muito (permita-me V. Ex.<sup>a</sup> a expressão) pelas raras qualidades que a tradição assoalhava, e ratificavam minhas fracas reflexões sobre aquela parte da vida de V. Ex.<sup>a</sup> que me constava que folguei desta oportunidade e que vim antes a Beja, que a outra parte, só para com tempo poder admirar, e aproveitar-me de V. Ex.<sup>a</sup>: que encontrei mais do que se dizia: que vou infinitamente obrigado, tanto, e mais, que as criaturas as mais agradecidas a V. Ex.<sup>a</sup> e que protesto nunca desmerecer a V. Ex.<sup>a</sup> o conceito, que de mim exponho sobre o meu carácter de agradecido: e sobre tudo, o mais que estimei foi achar uma alma de sentimentos em tudo análogos aos meus, não só pelo que conservamos, mas ainda pelo que tenho sofrido com a lição das obras de V. Ex.<sup>a</sup> entre as quais os cuidados Literários têm sido lidos três vezes; porque é Livro que um Eclesiástico Português deve saber de memória. Numa palavra, e Ex<sup>mo</sup>. Sr., dos homens que tenho conversado ninguém produziu em mim impressões de afeto, de estímulo, e de todos os sentimentos nobres,

que devem animar as gentes de bem, como V. Ex.<sup>a</sup>. Desgraçada a minha Pátria! Ingratos homens! Triste situação de nossas cousas! Mas quê? Ex.<sup>mo</sup>. Sr. reanime-se V. Ex.<sup>a</sup> e se com tão poderosos estímulos despertou a minha alma, e a dirigiu a mais fragosos caminhos não afrouxe V. Ex.<sup>a</sup> e leve até o último suspiro uma conduta de afrontar os obstáculos, os indignos obstáculos, e malditas tramas, que malogram os mais úteis e honrosos projetos. Trabalhemos, Sr. o século futuro [fol. 137v] fará justiça. De V. Ex.<sup>a</sup> nada peço, à exceção do que mais vale: peço me dê licença para procurar, quando me for preciso, o que eu ignoro; me faça participante da sua Literatura; derrame sobre mim influxos de nobre espírito, que todo nem mereço, nem o posso receber; peça a Deus a prosperidade e santificação dos princípios dos meus trabalhos, dos meus votos, se a Religião, e a Pátria se interessam neles; em fim poder em toda a condição multiplicar as mãos de obra de V. Ex.<sup>a</sup>. Pelo que respeita a esta cidade prometo a V. Ex.<sup>a</sup> enviar-lhe não só as cópias, que agora por falta de tempo se não poderão dobrar, mas também um exato, e bem distinto mapa de todas as notícias que nestes Cartórios tenho encontrado, relativas a esta Comarca; pois que algumas cousas apareceram de novo depois que V. Ex.<sup>a</sup> se ausentou, assim na Comarca como nos Mosteiros, que talvez estime<sup>7</sup>. Estes serão os primeiros cuidados, que me ocuparão tanto que chegar a Coimbra, donde tudo remeterei, antes de voltar. Agora só trabalho por acabar algumas cousas até 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> feira em que parto para Lisboa a efetuar o que V. Ex.<sup>a</sup> sabe, e de que não tem havido notícia alguma. Aí espero ser bem recebido dos sujeitos, a quem V. Ex.<sup>a</sup> tão encarecidamente me recomenda; novo documento da sua bondade e que muito pode obrigar a alma sensível de quem ama a glória. Deus queira conduzir-me ali com melhor saúde, que a presente pois é o 2.<sup>o</sup> ataque de reumatismo que tenho sofrido, e isto em vésperas de jornada: faça-se a sua santíssima vontade. O Reverendo Sr. Padre Mestre Definidor Geral me tem obrigado muito e à proporção toda a família de V. Ex.<sup>a</sup>. que não poderia degenerar dos sentimentos do seu amável Prelado. Ora tenho abusado da paciência de V. Ex.<sup>a</sup> e o correio a partir, e eu curtindo uma febre não pequena. Lance-me V. Ex.<sup>a</sup> a sua bênção, e não me perca da sua lembrança: na minha viverá para sempre. Eu sou

Ex.<sup>mo</sup>. Sr.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão o mais indigno e obrigado.

Fr. Joaquim de S. Agostinho

Beja

30 de agosto de 1792<sup>8</sup>

## CARTA 2 – 11-09-1792

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

As muitas, e relevantes obrigações, que a V. Ex.<sup>a</sup> devo, me necessitam a importunar a V. Ex.<sup>a</sup> com as mesmas notícias; mas se V. Ex.<sup>a</sup> foi livre na generosidade de beneficiar-

---

<sup>7</sup> Refere-se ao trabalho nos cartórios do reino, para o qual tinha sido designado pela Academia das Ciências de Lisboa.

<sup>8</sup> Santo Agostinho, 1792a.

-me, é em mim forçosa a obrigação de corresponder agradecido. Tive felicidade na minha jornada; e direito acho as cousas, como estavam: darei parte do que se passar. Tanto que cheguei a Lisboa tive ocasião de falar com o Padre Mestre Dr. Fr. Joaquim de Azevedo<sup>9</sup>, de quem soube que se não havia esquecido de V. Ex.<sup>a</sup> na distribuição da sua obra pelas pessoas da sua obrigação: estará V. Ex.<sup>a</sup> descansado, e eu não menos por ver preenchidas as muitas promessas, que seguramente as podia fazer sobre o carácter do sujeito. Creio que V. Ex.<sup>a</sup> gostará da obra, e se eu tiver a fortuna de serem também uníssonos os nossos sentimentos sobre o seu merecimento conceda V. Ex.<sup>a</sup> ao devido amor que tenho ao meu Mestre a afouteza com que me lembro pedir a V. Ex.<sup>a</sup> queira concorrer para ela chegar a notícia das Nações do Norte, teatro da presente controvérsia; pois estou persuadido que o alto conceito que ali fazem de V. Ex.<sup>a</sup> seria bastante para apreciarem uma obra que tivesse merecido a sua recomendação: isto, Ex.<sup>mo</sup>. Sr. para que meu Mestre sobre tamanho trabalho não fique lesado na impressão, o que é de esperar pelo diminuto consumo, que nos prometem no Reino os poucos Leitores deste género de composições: para que Portugal conheça que os Regulares trabalham para crédito da Religião e do Estado, para que Muller nos não repita os sarcasmos dos seus Alemães, se desenganem os de Lípsia<sup>10</sup> sobre o plano da Universidade: e saibam as Nações que nós temos homens doutos nas línguas orientais, sábios nas Escrituras, modestos nas controvérsias, de apurado gosto, e de fundo próprio; e para que nossos Irmãos separados deixem por uma vez de maldizer o Decreto do Tridentino e desembaraçados do pundonor, que os retarda, ou da teima, que os obstina, e cega, rompam os Laços, que os prendem ao seu trama, e se cheguem ao caminho da sua salvação. Tudo isto são motivos que só quem conhece a V. Ex.<sup>a</sup> pode julgar do poderoso ascendente, que eles têm sobre o seu coração. Entre muitos seja este mais um serviço que V. Ex.<sup>a</sup> renda à Igreja e à Nação, como zeloso Prelado, e sábio Patriota. Correu a pena mais do que eu queria: perdoe V. Ex.<sup>a</sup> e deite-me a sua bênção, que muito ambiciona quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão o mais indigno  
Fr. Joaquim de S. Agostinho

Lisboa 11 d' setembro d' 92<sup>11</sup>

### CARTA 3 – 04-02-1793

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Tivera logo agradecido a V. Ex.<sup>a</sup> o favor da Pastoral última se estivera na minha mão responder sempre exatamente aos benefícios que recebo. Na verdade que gostei muito dela: V. Ex.<sup>a</sup> deu uns toques, que quisera o Céu fossem refletidos por quem pode e deve

<sup>9</sup> Eremita de Santo Agostinho, professor em junho de 1762, no colégio da Graça, em Lisboa, onde ensinou Língua Hebraica e Grega. Na Universidade de Coimbra foi regente da cadeira de Exegese do Antigo Testamento (Azevedo, 2011, p. 415).

<sup>10</sup> Universidade de Leipzig (Alemanha).

<sup>11</sup> Santo Agostinho, 1792b.



cumprir: o artigo das Missões foi maravilhosamente tocado entre outros de igual importância. Senti que V. Ex.<sup>a</sup> se afligisse pela demora da entrega, quando não havia motivo algum para isso: fico entregue das 12; e agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> o que de novo me promete. Quanto porém não devo sentir a demora, que da minha parte tem havido na remessa dos papéis! V. Ex.<sup>a</sup> tem muita bondade para me querer acreditar: depois de tiradas várias cópias, todas inúteis, porque umas estavam muito erradas, e outras sem o devido asseio, não houve outro remédio senão enviar para Lisboa a mais correta para lá ser copiada a meu gosto: já foi o Correio passado, e não poderá tardar muito em Beja. Porém ainda lá não estão todos os Documentos, que prometi. A minha desdita Academia, desgostos domésticos, e algumas cogitações sobre o estado atual do género humano, junto tudo ao meu trabalho quotidiano de Aulas etc. deixa-me pouco tempo para cumprir os meus deveres, em que eu tanto deveria influir. Contudo não faltarei à minha palavra, porque em servir V. Ex.<sup>a</sup> tenho um bem singular prazer. Dei as recomendações de V. Ex.<sup>a</sup> ao Mestre Azevedo; ele beija as mãos a V. Ex.<sup>a</sup> pelo ter tanto na sua lembrança, e protesta não ser menor, a que ele tem de V. Ex.<sup>a</sup>. Tanto tenho desejado ver-me nesse Palácio, cidade de refúgio! Se por cá as águas correrem turvas, eu passarei a beber na fonte limpa. Terei então já Manuscritos separados, Livros arrançados, Medalhas distribuídas, e tudo em termos de aproveitar a minha curiosidade. E se nada estiver pronto, acharei aberto o coração de V. Ex.<sup>a</sup> para receber um viajante, que se abriga de gente pior que Turcos, e mais relevantes que Franceses. Deite-me V. Ex.<sup>a</sup> a sua bênção, e não se esqueça de quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>.  
Capelão o mais indigno  
Fr. Joaquim de S. Agostinho

Colégio da Graça de Coimbra  
4 de fevereiro d' 93  
Recomendo-me a toda a  
Ilustre família de V. Ex.<sup>a</sup> e em  
particular ao Sr. Padre Mestre Definidor Geral<sup>12</sup>

## CARTA 4 – 28-10-1793

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

De Lisboa tive a fortuna de escrever a V. Ex.<sup>a</sup> algumas vezes, e o faria muitas mais se a minha atual ocupação o permitira. Depois que cheguei a Coimbra é esta a primeira ocasião, em que o posso fazer, distraído até agora com novos, e multiplicados embaraços, literários, e económicos, para que já me falta de todo a saúde, e a paciência. Em todo este tempo me não têm faltado notícias e favores de V. Ex.<sup>a</sup> que muito hei estimado, sentindo não poder prontamente agradecê-los ainda do modo possível às circunstâncias da minha vida. Hoje recebo por via do Padre Mestre Fr. Gregório uma nova esmola, com que V. Ex.<sup>a</sup> promove os meios, que mais cedo, ou tarde, sortirão seu efeito; sendo-me por ora desgraçadamente dificultada a minha graduação por etiquetas políticas dos meus Patronos, que

---

<sup>12</sup> Santo Agostinho, 1793a.

se concordassem nas suas vistas sobre mim, além de se completarem os meios, evitavam ser preterido por tanta gente, que se vai graduando, enquanto eles me entretêm no jogo caprichoso de não sei que formalidades ministeriais. Mas eu, Ex<sup>mo</sup>. Sr. vou desconfiando, se isto é um ardil, com que Grandes Senhores, sem amolgarem a sua reputação, se querem subtrair ao cumprimento da sua palavra. Sei a quem escrevo; e por isso me explico assim. Eu entretanto me entrego à Providência de Deus que sabe melhor o que me convém; e a Ele peço, recompense a V. Ex.<sup>a</sup> a caridade, com que me beneficia, já que eu nada posso e nada valho. De Lisboa me parece noticiei a V. Ex.<sup>a</sup> a grande colheita, que do Cartório de S. Vicente e Mosteiros a ele unido recolheu pelo meu trabalho a Real Academia. Agora aqui fico continuando os meus Estudos Teológicos, e Canónicos, que melhor adoçariam o amargo da minha vida, se neles encontrara só o que é de Deus e não entrassem ali tantos mistos humanos. Assim mesmo tenho prontas umas Conclusões, que quisera honrar [fol. 140v] com o nome de V. Ex.<sup>a</sup> no seu frontispício; para o que rogo por esta a licença de V. Ex.<sup>a</sup>. Não me aparto das doutrinas de V. Ex.<sup>a</sup> nem da prudência, e modéstia doutrinal, que tanto valor dão às produções de V. Ex.<sup>a</sup> e que ali vejo tão seriamente recomendadas: o contrário julgo ser um atentado contra o respeito devido ao carácter Episcopal, a que tributo a maior veneração. Aqui roga uma novidade, interessante à nossa Literatura, e mui honrosa à nossa idade: é um Aviso para os Regulares poderem frequentar as Ciências Naturais, e Exatas, como ordinários, excluindo-os só da Graduação de Doutor. E é ele concebido nos termos – de que não havendo já os hereges para cuja refutação se fazia necessária a Teologia, e sendo pelo contrário tantos os Naturalistas, se lhes permita por isso o estudo das faculdades naturais –. Nada mais acrescento, porque tenho a certeza de que V. Ex.<sup>a</sup> entra em todo o meu pensamento e o alcança maravilhosamente. Ah! Ex<sup>mo</sup>. Sr. onde estamos nós! *Ἡμερῶ ἐπιλοιποὶ μαρτυρεῖς δόφωτατοι*<sup>13</sup>. Agora só me resta pedir a V. Ex.<sup>a</sup> a sua bênção, e recomendar-me ao Paternal afeto de V. Ex.<sup>a</sup> e de toda a sua Ilustre Família. Meu Mestre também se põe aos pés de V. Ex.<sup>a</sup>. Ele continua os seus trabalhos: e o Céu queira abençoar os seus bons desejos. Enquanto eu não satisfaço a minha vontade, e o desejo de V. Ex.<sup>a</sup> com alguma remessa diplomática, sempre me resta a honra, e a consolação de ser com todas as veras

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão o mais indigno e obrigado

Fr. Joaquim de S. Agostinho

Colégio da Graça de Coimbra

28 de outubro de 1793<sup>14</sup>

## CARTA 5 – 14-04-1794

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Em consideração das multiplicadas obrigações de V. Ex.<sup>a</sup> e do glorioso empenho, com

<sup>13</sup> Expressão latina – *Posteri dies testes sunt sapientissimi* – aqui grafada em grego, que significa que a justiça do tempo é infalível.

<sup>14</sup> Santo Agostinho, 1793b.

que V. Ex.<sup>a</sup> se dá todo à prática do seu Sagrado Ministério, deixo muitas vezes de ir solicitar a bênção de V. Ex.<sup>a</sup> e pôr-me aos pés do meu respeitável Prelado, e amável Benfeitor. Hoje porém a mesma ocasião releva toda a ligeireza, que me podia ser imputada, se à falta de tão justo motivo, eu procurasse tamanho bem com tanto incómodo de V. Ex.<sup>a</sup>. Deite-me V. Ex.<sup>a</sup> a sua bênção, e não me separe do seu coração: seja esta a maior recompensa daqueles meus bons desejos, porque apeteço a V. Ex.<sup>a</sup> muitas graças e felicidades. No correio seguinte satisfarei a parte das minhas promessas: a outra parte me não esquece. Desculpe então V. Ex.<sup>a</sup> os defeitos: a doutrina não ofenderá o sagrado do sacerdócio Episcopal; e eu tenho em V. Ex.<sup>a</sup> Mestre e Protetor, quando os pequenos se escandalizem, ou os Fariseus toquem a rebate. Sou de V. Ex.<sup>a</sup>.

O mais humilde capelão  
Frei Joaquim de S. Agostinho.

Colégio da Graça de Coimbra  
14 d'abril de 1794<sup>15</sup>

## CARTA 6 – 26-05-1794

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Triste a minha condição, Ex.<sup>mo</sup>. Sr. que não possa eu, sem ofender a virtude de V. Ex.<sup>a</sup> dizer o que sinto à vista das produções, e fadigas, porque o mundo respeita, e ama a sagrada Pessoa de V. Ex.<sup>a</sup>? Que culpa se me pode formar, por ter V. Ex.<sup>a</sup> feito o mais digno uso de tantas qualidades raras, e por efeito de tantas provas ter merecida a justiça, que lhe fazem as gentes de bem, e o mundo sábio? Eu sou quem devia queixar-me; porque as cartas de V. Ex.<sup>a</sup> eram capazes de comover a minha soberba, se aí mesmo não encontrara tantos motivos para humilhação. Embora se termine por uma vez a disputa: o que eu digo de V. Ex.<sup>a</sup> é o que apregoam todos à face de testemunhos evidentes; o que V. Ex.<sup>a</sup> diz de mim, só o diz V. Ex.<sup>a</sup> sobre a bondade pura do seu coração. É a ela também que eu devo o mimo dos 2.<sup>os</sup> Tomos das Disposições e as Pastorais. Li com avididade insaciável: não posso conter-me; na colisão de deveres opostos sempre direi, que é obra digna de V. Ex.<sup>a</sup> e tão rara, e original, como seu Autor. Também isto serão votos só, ardor, vontade, ou serão efeitos? Ora pois: bendigamos o Senhor que para consolação da Igreja em dias tão calamitosos, faz aparecer sujeitos segundo seu coração riquíssimo capazes de enxugarem as lágrimas da sua Esposa por todo o género de bons serviços. Eu por certo lhos não poderei fazer, segundo as diminutas forças de corpo, e espírito, que ele me concedeu. Desejo assim mesmo empregá-las utilmente e me proponho bons modelos; quase sem consequência. Com brevidade passo a Alcobaça [a] examinar alguns Documentos: participarei a V. Ex.<sup>a</sup> o resultado das minhas observações. Depois volto a Lisboa ao cartório do Senado; talvez seja este o último dos meus trabalhos. Se porém viver, poderá chegar uma hora feliz, em que me veja aos pés de V. Ex.<sup>a</sup>. Sobre o meu Doutoramento continua a etiqueta, que noutra expus; tenho porém boas esperanças no meu Visitador Geral. Agora sei que Frei Bernardo da Cruz é o Autor do Manuscrito que existe nesta Livraria mui bem conservado:

<sup>15</sup> Santo Agostinho, 1794a.



*Memoria del Rei Dom Sebastião.* Inutilmente tinha procurado este espécime, como outros tantos que li na última Obra de V. Ex.<sup>a</sup>. Aqui existe também a edição de Catálogo de 1400: tudo são cartas, e orações, latinas. Mereça eu viver na lembrança de V. Ex.<sup>a</sup> e receber a sua bênção. Sou, de V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão o mais indigno  
Frei Joaquim de S. Agostinho.

Colégio da Graça de Coimbra  
26 de maio de 1794.

P.S. Os sucessos da Ilha da Madeira e Roussillon, são lastimosos: Deus se compadeça de nós.<sup>16</sup>

## CARTA 7 – 26-08-1794

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Ainda que tarde vou pagar a resposta, que devo a uma de V. Ex.<sup>a</sup>. Assim poderei eu satisfazer às finezas, e excessos de amor, e beneficência, com que V. Ex.<sup>a</sup> me trata! V. Ex.<sup>a</sup> empenha-se em beneficiar-me mais e mais: a minha dívida se aumenta, e todo o fundo, de que V. Ex.<sup>a</sup> se pode pagar é o meu coração. Se alguma glória sensível eu ambiciono, é por certo a única, ter comodidade na minha vida de mostrar aos meus Protetores, quanto eu sou reconhecido, e grato aos seus benefícios: ora V. Ex.<sup>a</sup> tem no rol deles o mais distinto lugar: os motivos eu os sei, e se V. Ex.<sup>a</sup> não é iludido pelo seu coração, e pela sua virtude, os não pode também ignorar. Depois daquela felicidade seria para mim a primeira poder negociar com o tal qual talento [que] Deus me deu: deu muito pois é muito tudo o que se dá a quem nada merece; porém por que subtraiu os meios? Para que ligou os braços? por que acendeu a luz que havia cobrir com o meio alqueire? Ó altitude (*sic*)! com efeito isto humilha; e talvez era assim necessário. De uma cousa me não privou: a minha razão conhece, e o coração ama, quem a virtude dita que seja amado: a gratidão não depende da fortuna. Não é pois à fortuna, mas sim ao merecimento e à virtude, que eu devo atender. V. Ex.<sup>a</sup> escreve uma carta: derrama nela o seu coração: interessa-me: liga-me a si, e ao bem: nem V. Ex.<sup>a</sup> escreve assim, por ser o Prelado de Beja; nem, porque eu sou o nada que sou, deixa V. Ex.<sup>a</sup> de escrever-me assim: logo as almas e os corações se entendem com independência de adjuntos. Nesta boa fé devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que fico contente pela Pastoral, de que me fez favor: houve pessoa que ma furtou às claras: negar-lha, ou perdê-la para sempre, eram duas cousas igualmente duras: tudo compôs [fol. 143v] a generosidade de V. Ex.<sup>a</sup>. Entre os benefícios, que V. Ex.<sup>a</sup> pode imaginar de fazer-me, nenhum equivale às suas produções literárias. Digo-o sem paixão; são boas cousas: S. Paulo se vivesse, aprovaria: são escritos úteis, e necessários: são sábios, e eruditos: têm nervo, e majestade; um atrativo que arrebatava: falam ao coração: não causam tédio, não fatigam; a suavidade, os costumes, as paixões virtuosas, um estilo próprio, e variado segundo as circunstâncias, tudo o que é capaz de servir a causa de Deus e dos homens, tudo é ali manejado habilmen-

<sup>16</sup> Santo Agostinho, 1794b.

te e empregado com discreta economia. É por isto que os estimo. O Mestre Forjaz<sup>17</sup> vai fazendo maravilhas: com brevidade participará ele a V. Ex.<sup>a</sup> alguma cousa sobre Reforma Literária: V. Ex.<sup>a</sup> aprovará, e eu então me explicarei. Faça-me V. Ex.<sup>a</sup> justiça: certamente o seu bom coração o engana sobre as minhas cousas. É certo que tenho sincera vontade de saber, e ser útil: ponho os meios, que posso: isto não basta: que frutos pode dar árvore brava em terreno queimado, sem os benefícios da natureza, e da cultura? A Memória, que enviei o correio passado foi composta com toda a precipitação para ser apenas lida: tal qual se leu, a fiz copiar para V. Ex.<sup>a</sup> a ver antes que eu a reformasse para a impressão: deste modo notando-a V. Ex.<sup>a</sup> primeiro, poupo o trabalho da minha correção. Agora trabalho no Cartório do Senado: deve lástima a sua arrecadação. A seu tempo darei conta de mim. Os Mestres Forjazes se recomendam saudosamente à V. Ex.<sup>a</sup>. Eu Ex.<sup>mo</sup>. Sr. por justiça, e afeto peço a sua bênção: e para V. Ex.<sup>a</sup> graça, e vida.

Ex.<sup>mo</sup>. Sr. Sou De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão o mais afeto e obrigado  
Frei Joaquim de S. Agostinho

Graça de Lisboa  
26 de agosto de 1794<sup>18</sup>

## CARTA 8 – 17-11-1794

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Depois que escrevi a última a V. Ex.<sup>a</sup> com a malformada Memória sobre os Códices de Alcobaga, não tive ocasião de ir novamente à presença de V. Ex.<sup>a</sup> embarçado com os Cartórios da Corte, e outras cousas capazes de me distrair muito mais. Vinha-me recolhendo para Coimbra, quando tive de sofrer cousa que me levou à cama, donde saí poucos dias há, sem que por entretanto pudesse cumprir o que já muito antes se me havia ordenado. O meu Visitador Geral e seu Irmão o Mestre Frei Joaquim Forjaz apresentaram a Sua Majestade o Plano, que remeto a V. Ex.<sup>a</sup> por ordem dos mesmos. Quando saiu o Aviso, o Mestre Frei Joaquim se achava nas Caldas, e o Visitador partia no dia seguinte para a Visita; além do original, que este havia [de] levar, existia só a minha cópia: em consequência tive ordem d'ambos para sobre ela tirar uma cópia para V. Ex.<sup>a</sup> e remeter-lha em seu nome, significando-lhe a causa de eles mesmos o não fazerem. Ele foi trabalhado pelo Mestre Frei Joaquim Forjaz, e eu apenas fui o seu Amanuense: não entraram outras ideias, nem outras penas. Queira V. Ex.<sup>a</sup> dizer, quais cousas se devem aumentar, diminuir, ou variar de qualquer modo que seja, para no Regulamento ou Estatutos, e Instruções aos Professores, se emendarem os defeitos, que não serão poucos. Cousa feita em menos de 30 dias, e sem outro conselho que o do Autor e Amanuense, pois o negócio pedia segredo (e ainda hoje o tem na substância das extraordinárias medidas, que se tomaram) cousa natural é, que tenha faltas, e descuidos. Correto que seja, e verificado, é muito capaz de interessar a seu favor os votos, e vistas das gentes Letradas. E é neste pensamento que o enviamos a V. Ex.<sup>a</sup> pois é capaz de o emendar, e estimar sinceramente os nossos bons desejos. Quan-

---

<sup>17</sup> Frei Joaquim Forjaz.

<sup>18</sup> Santo Agostinho, 1794c.

do o Visitador se recolher à Corte, que será para janeiro, é então que principiaremos as Conferências para o Regulamento, e [fol. 144v] V. Ex.<sup>a</sup> será algumas vezes importunado sobre este assunto. Nos queira dar a cada um dos que entraram na Junta, os mesmos sentimentos, que nós tivemos: aliás recairá o trabalho sobre quem primeiro o suportou. É porém dificultoso, que muitos homens de diversas luzes, e idades se unam a uníssonos: isto porém tem aquele remédio, bem fácil de aplicar, segundo são amplos os poderes, que Sua Majestade concede ao Visitador a este respeito. Havemos [de] calcular as rendas que liquidamente pertencerem para o sustento dos Religiosos, e se não forem bastantes para sustentar 400, diminuir-se-á este número, ou extinguiremos algum outro convento: eu insto sobre este artigo, pois uma sustentação menor do que convém, é o primeiro escolho em que irão perder-se todas as ideias de uma tal Reforma Literária. Antes menos Conventos menos família e menos Cadeiras; pois de algumas não sei se haverá quem se queira utilizar. Diga V. Ex.<sup>a</sup> o que entende, para nossa utilidade e da pátria, e das letras. De minhas cousas não tenho que dizer: entre esperanças, e desconanças sobre a minha formatura, vou sempre trabalhando o que posso, sem pôr alvo a desejo de recompensas. Mas devo confessar que no meio deste heroísmo, ou tolismo sopram algumas refregas de amor-próprio, e suas consequências; a reflexão porém acode, e serena tudo. Nesta alternativa caminho para a velhice, para a sepultura, e quem sabe para onde mais. Se não for para o Ceu, então *diim (sic) perdid*<sup>19</sup>. Queira V. Ex.<sup>a</sup> ter-me na sua lembrança, abençoar os meus desejos, e ajudar-me diante de Deus que sem ele nada podemos. Em qual crise não está a Europa, e todos nós! Triste lembrança. Deus sabe o que faz, e o que permite. Queira ele conservar a V. Ex.<sup>a</sup> neste mundo por muito tempo para consolação minha, e de todos, os que têm, como eu, a felicidade de ser

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão obrigado atento e afeto,

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Colégio da Graça de Coimbra

17 de novembro de 1794<sup>20</sup>

## CARTA 9 – 05-01-1795

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Lia de V. Ex.<sup>a</sup> com aquele respeito, e ternura, que é devido à efusão sincera, e amável de uma Alma, como a de V. Ex.<sup>a</sup>. Passei a ler as Instruções necessárias, e tocantes, com que V. Ex.<sup>a</sup> vem em socorro da Religião santa, nestes dias de tribulação. Que digno trabalho! Deus o abençoe, para se enxugarem as lágrimas da Esposa consternada sobre a prevaricação de seus filhos, a maior, a mais infame, e desarrazoada de todas, que nos constam das Histórias. Sei a quem escrevo, e sou sensível à sorte triste da Religião, e da Europa. V. Ex.<sup>a</sup> terá admirado os últimos sucessos: o seu Espírito penetrará onde se encaminha a

<sup>19</sup> *Diem perdid*, traduzido literalmente, significa “perdi o dia”. Expressão que Suetônio atribuía a Tito e que seria usada quando nada se fazia de relevante durante um dia.

<sup>20</sup> Santo Agostinho, 1794d.



urdidura do tentador maligno: e verá no futuro não sei que cenas, que eu também diviso. Os elementos deste Céu, que nos cobre, estão confundidos: os alimentos desta terra empeçonhentos: os ares medonhos; rasgam-se à força de raios: os Espectadores entendidos, as gentes de Deus, treme ao espetáculo horrível, que apresenta o combate denudado dos Poderes das trevas. Eu estou inconsolável. A Irreligião, e o Fanatismo disputam-se (*sic*) o Império das ideias, e das ações: a Religião de Jesus Cristo está no meio. Cristãos imprudentes fizeram tréguas com a Irreligião para desterrar o fanatismo: depois pazes com o Fanatismo para destruir a Irreligião. Que desacordo! Nestas alternativas padece a Religião verdadeira. Eu não quero composições com estes inimigos: aborreço uns, e outros; porque eles são os inimigos da Religião, que trouxe ao mundo o misericordiosíssimo Redentor, e em que espero salvar-me. Pelejemos contra um e outro partido; porque Deus o manda. Empreguem-se as armas desta sociedade poderosíssima na eficácia dos meios, que lhe deixou seu Autor. V. Ex.<sup>a</sup> entende isto, e o prega: quem não reconhece outros interesses, que os da Religião e felicidade dos mortais, que o Homem Deus regenerou para a Graça e [fol. 145v] bem-aventurança eterna, sente, e diz outro tanto. Mas que desgraça! Não somos escutados. O mundo Irreligioso clama, que somos Fanáticos; o Fanático, que somos Irreligiosos. Assim gememos; e Deus vai assim castigando o mundo ingrato, permitindo os trabalhos rudes, que nos esperam. Deus se compadeça de seus escolhidos. Nestes revezes as tentações são grandes: eu espero na graça de Deus não ser vencido: serei fiel às luzes, que ele me deu; e Ele pode ajudar-me para corresponder aos benefícios de sua misericórdia, que tem sido muita comigo. Uma só cousa, dizem, pode consolar-nos, a promessa de que a Religião não acabará: estes trabalhos podem purificá-la. Porém a verdadeira não necessita destas reformas, ela, que por sua constituição sempre reclama contra os abusos, e nunca os aprovou: e a sua Catolicidade e duração eterna compadece-se com se extinguir daquém e dalém dos Montes. Bem se tem merecido este raio: tem-se desafiado extremamente a vingança do céu. E até quando durará ela sobre nós? Eu não vejo os homens dispostos a merecer a misericórdia de Deus. Cada dia se obstinam mais: e o maior castigo é a cegueira de entendimento naqueles, que podiam remediar parte dos nossos males. V. Ex.<sup>a</sup> serve a Igreja, segundo o seu Espírito; defende-a sem tropas estrangeiras, e no fundo inimigas de quem as assalarie: se todos os Poderes fizessem outro tanto, nossos dias seriam pacíficos, e graciosos. Clamemos, Ex.<sup>mo</sup>. Senhor, que todos somos Ministros do Deus que quer ser adorado em paz, em espírito, e verdade: imploremos o socorro do Onnipotente: ensinemos o mundo prevaricado: mostremos a nossos inimigos, que temos forças próprias para nossa comum defesa. A isto mesmo se encaminhava o Projeto, que muito folgo merecesse a aprovação de V. Ex.<sup>a</sup>. Mas eu temo, e até duvido se realize; se o Visitador Geral tiver algum despeito como seu Irmão, o Prior Mor d'Avis. Faça-se a vontade de Deus. Ele se lembre de nós, e prolongue a preciosa vida de V. Ex.<sup>a</sup>.

Sou Capelão o mais indigno

Frei Joaquim de Santo Agostinho.

Coimbra

5 de janeiro de 1795<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Santo Agostinho, 1795a.

## CARTA 10 – 03-03-1795

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

O voto de V. Ex.<sup>a</sup> é de tanto peso, que ele só bastaria para me decidir pela utilidade dos nossos Projetos, que Deus prospere. Os Mestres Forjazes, e eu temos concebido a maior satisfação por termos intentado um Regulamento Literário digno da aprovação de V. Ex.<sup>a</sup>. Ficámos na inteligência de tudo, quanto V. Ex.<sup>a</sup> pondera na sua e pelo que toca às Conclusões, estamos pelo parecer de V. Ex.<sup>a</sup>. Eu sempre pensei do mesmo modo; e era para isso autorizado pelo Plano de V. Ex.<sup>a</sup> porém tive de calar-me por então. Já aqui ficam todos os Deputados, que formam a Junta, a que se confiou o Regulamento. Houve agora 2.º Breve, que prorroga a Jurisdição do Visitador Geral até Capítulo. Por toda esta semana esperamos Breve, e Aviso para os mesmos Deputados fazerem umas Constituições novas para esta Província. V. Ex.<sup>a</sup> percebe quanto nisto vai: e que só assim fica a Legislação Literária segura por mais algum tempo. Aquele será o nosso primeiro trabalho. Talvez não se pode (*sic*) levar todo o Plano à execução, e será necessário dar corte; segundo o que V. Ex.<sup>a</sup> nos lembra, assim o faremos: como em todo o resto. A Academia confiou de mim a organização do Corpo Diplomático: trabalho nisso deveras, e por todo este ano aparecerá o 1.º volume; porque entrará brevemente à censura. E que trabalho mais rude, e de mais consideração para o pobre Editor? Segue a Ordem Cronológica exata, ou de aproximação, quando a data é duvidosa. É cada século dividido em 3 classes: Catálogo de Documentos Impressos; Extratos Inéditos; e Íntegras inéditas. As Cortes dentro da Ordem Cronológica têm organização particular; *verbi gratia*<sup>22</sup> Convocatória, Oração na abertura; artigos e respostas gerais, e depois as particulares etc.: Como se costumam organizar os nossos Concílios. São por ora, fora Extratos, 16 volumes de fólhos a 1000 páginas e mais. Já pode aparecer. O Dicionário Arqueológico, e Glossário trabalha-se à parte e vai muito adiantado, e o mais rico das Nações Europeias, proporcionalmente ao nosso fundo. O Corpo Diplomático será seguido de Suplemento; porque não se [fol. 147v] devia demorar a Edição por mais tempo, e retardar a utilidade e expectação pública. Sua Majestade deu à Academia o Palácio do Monteiro-Mor, onde se arranja também a Biblioteca Pública da Corte, de que é Bibliotecário-Mor António Ribeiro dos Santos. A nossa Esquadra entrou ontem, muito maltratada. Martinho de Mello<sup>23</sup> está por dias, e desenganado. A corte esperando o feliz sucesso de Sua Alteza e com ele cada um o bom despacho de suas pretensões, não oferece por agora cousa de novo. Eu me julgo feliz em não ter outra alguma pretensão que a de servir o Público com o pouco que posso, nem algum outro interesse maior que o de mostrar em todo o tempo que sou

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão o mais indigno e obrigado

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Graça de Lisboa

3 de março de 1795<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Locução latina que significa “por exemplo”.

<sup>23</sup> Martinho de Melo e Castro, político e diplomata português nos reinados de D. José I e D. Maria I.

<sup>24</sup> Santo Agostinho, 1795b.

## CARTA 11 – 21-04-1795

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Se nalguma cousa fosse possível ser V. Ex.<sup>a</sup> excedido por mim, seria no desejo de uma entrevista, em que eu desabafasse com V. Ex.<sup>a</sup> sobre as causas da minha mágoa. Talvez nem tudo possa dizer agora: direi o que basta. Tudo são queixumes, e descontentamentos. Todos os da Junta se julgavam com direito de lançarem as primeiras linhas do Plano: todos os Mestres deveriam ser clamados para a Junta: também deviam ter nela lugar os Pregadores, e talvez os Músicos, e os Leigos, e os criados. Destes direitos violados se derivaram notáveis clamores. Ralham os velhos, e os moços; os Mestres e os Pregadores; os Sacerdotes e os Leigos. O Porquê, V. Ex.<sup>a</sup> o sabe, pois viu o Plano. O mais cómico foi ralharem antes de saberem de quê. Em consequência guerra cruel e despiidade. Eles sabiam que o Plano fora aprovado por todos os Ministros de Estado, e que nesta conjuntura dificultosamente embarçariam a sua execução. Isto não obstante, malquistaram-nos com as outras Religiões, com Frei Matias, com o Sr. Patriarca, com a Junta do Melhoramento com grandes, e pequenos dentro, e fora da Corte, *apud* fanáticos *et apud* Libertinos: é a cousa mais estranha do mundo. Inventando cousas nunca imaginadas, fingindo más intenções, dando por feito o que devia entrar em deliberação, tiveram a habilidade de malquistar-nos com toda a casta de gente. Porém Deus acudiu: o Governo desafrontou-nos: e nós triunfaremos. Com tudo para nos pôr a salvo de maior tormenta o mesmo Governo conveio em que o número das casas suprimidas fosse menor, e talvez em última apuração fiquem todas subsistindo. V. Ex.<sup>a</sup> vê as consequências. Depois disto, versos, nomenclaturas de Mafilas (*sic*), e suicidas, e sacrílegos, cartas de confraternidade da Convenção de Paris à Junta dos Gracianos etc. etc. e quantos opróbrios tem vomitado o Inferno pelos seus Agentes (vertidos com hábito de Santo Agostinho) só resta a consolação de que a intriga e a má fé têm diminuído, e que a Junta trabalha com atividade, zelo, prudência, e tal união, que nunca eu esperei. Deus perdoará aos nossos inimigos, e abençoará esforços úteis à Pátria, e à Religião. Ainda que V. Ex.<sup>a</sup> e as pessoas de zelo, e de doutrina possam lembrar-se do *Amphora coepit institui, currente rota, cur urceus exit*<sup>25</sup>? assim mesmo se pode fazer muita cousa boa. Na verdade, Ex.<sup>mo</sup>. Senhor tenho sofrido o que não esperava; porque [fol. 148v] as setas todas se disparam sobre mim, como autor, diretor, conselheiro, e o que eles quiserem: nisto me honram. O que nos acontece é o mesmo que vai acontecendo em todo o mundo. V. Ex.<sup>a</sup> terá admirado muitas vezes o que a cena oferece digno de pasmo, ou de indignação? Século de contradições, de trevas, de corrupção, a par de tantos sistemas, tantas luzes, tantos modelos de probidade, quem o poderá crer no futuro? Outra raridade o Eminentíssimo Senhor Patriarca acaba de nomear-me Lente de Direito Natural no seu Seminário de Santarém: a renda é de 300\$ réis. Julgo que só em outubro entrarei nesta nova carreira, que hoje é muito perigosa. Ajude-me V. Ex.<sup>a</sup> com as suas Orações, e as suas Luzes. Do Abade Correia<sup>26</sup> ainda não há notícias. O Corpo Diplomático está quasi pronto

<sup>25</sup> “Uma ânfora começou a ser formada, porque sai um pote ao sair da roda?”. Citação de Horácio, *Ars Poetica*, XXI. A ânfora caracteriza-se por ser alta e esguia, enquanto o pote (*urceus*) é baixo e redondo.

<sup>26</sup> Abade Correia da Serra, cientista, diplomata e filósofo, fundador da Academia das Ciências de Lisboa.

para a Censura, quando a houver. Acabo; porque nem V. Ex.<sup>a</sup> quereria saber tanto, nem eu poderia escrever mais. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão o mais indigno e obrigado  
Frei Joaquim de Santo Agostinho

Graça de Lisboa  
21 de abril de 1795<sup>27</sup>

## CARTA 12 – 17-01-1797

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Agora que V. Ex.<sup>a</sup> estará mais aliviado dos impertinentes correios de Boas Festas, vou agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> o seu favor, e participar os trabalhos dos Professores Regulares do Seminário Patriarcal de Santarém, que, posta de parte a amizade, e personalidades, interessam com efeito a todo o homem, que pensa.

Bento José de Sousa Farinha, que V. Ex.<sup>a</sup> conhecerá, fora há 6 anos Vice-reitor do dito Seminário, donde saíra por desgostos com o Reitor o Cónego Mesquita: e se introduzira com Feliciano Marques e seus colegas, obtendo por eles um lugar na Livraria da Ajuda, e enfim a confiança de Sua Alteza. Logo que o Reitor Mesquita demitiu o seu cargo de Reitor por desgostos com o Eminentíssimo fomentados no Paço pelo mesmo Farinha, cuidou este homem em se introduzir no Governo do Seminário. Clandestinamente preparou novos Estatutos e Regulamentos e foi conduzindo as cousas ao ponto de que em outubro próximo se verificassem. Portanto pelos fins de setembro veio uma Carta Régia ao Eminentíssimo passada pelo Feliciano, em que se lhe mandava que aprovasse os novos Estatutos e delegasse o Minorista Farinha ao Seminário para o Reformar. O Eminentíssimo opôs-se; mas Feliciano Marques bateu-lhe o pé, Sua Alteza não o atendeu, Seabra achava-se nas Caldas, e Luís Pinto<sup>28</sup> de cama: cedeu o Eminentíssimo e passou carta ao novo Delegado, a qual Sua Alteza aprovou novamente dispensando do seu serviço aquele útil Vassalo para o dito fim, o qual voltaria, por não poder Sua Alteza estar sem ele por muito tempo: eram formais palavras. Tudo assim preparado, baixou um Aviso de Feliciano Marques a Luís Pinto para que logo assinasse os ditos papéis, e os remetesse pelo mesmo portador: o Ministro assim o fez, sem que pudesse remediar tais despropósitos. Um dos Artigos do Estatuto era, que os Lentes residissem dentro do Seminário; e o fim da Lei era excluir os Regulares, que Sua Eminência tinha chamado para ali. Farinha chegou a Santarém e no dia seguinte expediu uns bilhetes, em que despedia do Seminário todos os Lentes Regulares, sem que desse o nome de Sua Alteza nem o de Sua Eminência, nem nos fizesse constar a sua autoridade e delegação. Fizemos em Lisboa, onde nos refugiamos, uma representação a Sua Eminência e a Sua Alteza de que mandarei cópia, quando puder;

<sup>27</sup> Santo Agostinho, 1795c.

<sup>28</sup> Luís Pinto de Sousa Coutinho, ministro de D. Maria I.



e tem merecido aplauso, mas não despacho. Todos os 4 Ministros são a nosso favor, e a Corte em peso advoga a nossa causa; mas nada podem; e não há esperanças de remédio. Eis aqui a substância do caso, que parece incrível, e que tem o Eminentíssimo em grande desgosto. O Farinha [fol. 149v] tem arranjado tudo, sem ouvir nem consultar Sua Eminência, de quem se faz independente, até na Escolha dos Professores; sendo o melhor de todos o que dali vem; porque chamou para Moral o que lia Gramática em Belas, e se abriu curso Teólogo pela Moral de Collet<sup>29</sup> *de Sacramentis*, que o Padre diz ser muito escuro e metafísico; outro Professor designado não foi, porque antes da partida o meteu o Senhor Arcebispo de Lacedemónia em Cárcere, por crimes que tinha em aberto com parte, e que se julgaram nesse tempo etc. etc. etc. Pôr os Seminaristas com becas encarnadas e de luxo, tem-lhes dado toda a liberdade e vai o Seminário em nenhum estudo, muita dissipação, e desordem por todos os lados. Cada Lente lerá 4 horas por dia, e no fim do ano terá seu compêndio pronto, que se organizará em conferências semanárias de todos os Professores. Haverá uma Junta de Fazenda em que entrarão com voto os mesmos seminaristas em maior número para que sempre se faça o que eles julgarem; pois que a casa e rendas lhes pertencem. O Eminentíssimo será o Reitor e no Seminário fará as suas vezes o primeiro Lente de Teologia: e os Lentes às semanas farão de curas e pedagogos dos rapazes: e infinitas outras cousas cousa (*sic*) que provam o grande discernimento e aptidão do Delegado; que agora recebeu em prémio um Benefício<sup>30</sup> de Coruche. Se V. Ex.<sup>a</sup> com os seus olhos tivesse visto o Seminário e observado os Lentes no estado antigo e moderno, e eu pudesse dizer tudo o que há na matéria, pasmaria como aqui acontece a todos, os que têm olhos de ver nestas matérias. Pensa-se que a cousa não pode subsistir. Eu entretanto estou ocupado pela Academia na publicação do Corpo Diplomático, que parou pela minha ida para Santarém, e que agora se continua tão vagarosamente como as circunstâncias económicas e políticas pedem; se é mesmo que a Academia sobreviverá à irrupção das gentes mal-intencionadas; pois me seguram (e é certo) que se dará já a Sua Alteza o conselho de que lhe convinha extinguir Universidade, Academia e todo o Ensino público. Parece-me muito bem. Desgraçados tempos! E Deus não se compadece? Mas nós sabemos desmerecer cada vez mais a sua misericórdia. Tal é Ex.<sup>mo</sup>. Senhor o estado das cousas; e muito piores e mais decisivas sei eu, e saberá V. Ex.<sup>a</sup>. Eu tremo: calo-me: e peço a Deus acuda; e dê a V. Ex.<sup>a</sup> as forças, a vida, e graça, de que precisa.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo obrigadíssimo

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Graça de Lisboa

17 de janeiro d'97<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Pierre Collet, teólogo católico, cuja obra fora adotada como bibliografia do curso de Teologia da Universidade de Coimbra.

<sup>30</sup> Cargo ou renda eclesiástica.

<sup>31</sup> Santo Agostinho, 1797a.

## CARTA 13 – 03-05-1797

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Eu não sei se V. Ex.<sup>a</sup> me trata com demasiado favor, sei que eu conto tão seguramente sobre o coração de V. Ex.<sup>a</sup> que às vezes até abuso da sua ternura. V. Ex.<sup>a</sup> tem a culpa. É sobre estes princípios, que escrevo, e trato tamanha Personagem, como se outra cousa não fora que um Pai, ou um Amigo. Mas Ex<sup>mo</sup>. Senhor tanta é a sua bondade, que assim mesmo me quer sofrer. Reservei para hoje a resposta à de V. Ex.<sup>a</sup> porque me julgava desembaraçado logo, que as Conclusões se presidissem: aconteceu o contrário. Direi o preciso. A contestação foi sobre a Proposição 97: dos dous pontos para diante é aditamento. Havia muito que dizer: a cousa subentendia-se; aliás como se poderia dizer seriamente que lhes não constava? Fique isto, e muitas outras cousas para a vista. A minha Memória sobre os Códices de Alcobaça está na Imprensa. Trabalho uma Económica sobre o Reino do Algarve que será extensa, e exata: no Cálculo: outra sobre Medidas. O Compêndio de Direito Natural vai a concluir-se: o Eminentíssimo teima que seja em Latim. Voltemo-nos às Fenícias, para nos não esquecermos do que com tanto trabalho se aprendeu. O corpo Diplomático parou, e será preciso que eu abandone o cómodo do Seminário para continuar a Edição. Tudo sacrificarei ao bem público, mas a saúde vai arruinando-se: há de acabar um dia. Lembre-se V. Ex.<sup>a</sup> de mim na presença de Deus para que sejam abençoados os meus desejos: V. Ex.<sup>a</sup> tem parte neles. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão o mais indigno

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lisboa 3 de maio

P. S.

Remeto umas Conclusões pelo Correio. E por toda esta Semana volto a Santarém.<sup>32</sup>

## CARTA 14 – 10-04-1798

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> se reservei para esta ocasião responder à última, com que V. Ex.<sup>a</sup> tanto me honrou, e consolou. Além dos trabalhos Académicos diários e impertinentes, que muito pesam, a minha cabeça tem sido extraordinariamente fatigada pelos acontecimentos do tempo em reflexões graves e molestas para mim, mas inúteis para os outros. Muitas vezes tenho apetecido a companhia de V. Ex.<sup>a</sup> para desafogo de espírito, e para reproduzirmos as consolações, que a Religião ainda nos oferece, e que se fortificam na conversação de quem sabe avaliá-las. Nos curtos intervalos, que me restaram, corri os meus apontamentos para servir a V. Ex.<sup>a</sup> com aqueles que respeitassem o Rito Sagrado da Pátria: por fim lembrei-me, que o Dr. João Pedro havia examinado igualmente os meus

---

<sup>32</sup> Santo Agostinho, 1797b.

papéis, e apontado deles o que interessava<sup>33</sup>; e que portanto V. Ex.<sup>a</sup> terá por aquele meio o resultado do nosso comum trabalho. As íntegras até o fim do século 12º estão já impressas, e continuamos os Extratos, e catálogo de Impressos até à dita época: e tudo fará o 1º. Tomo. Espero poder comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> em segredo todos os Cadernos impressos, logo que chegue aqui o meu Colega, que vem ajudar-me: porque a cada um de nós se confia um exemplar: poderemos então ficar ambos com um, e emprestar o outro a V. Ex.<sup>a</sup>. O meu Breve de translação para Avis ainda não veio, e portanto ignoro quando se poderá verificar. Tenha V. Ex.<sup>a</sup> vida, e saúde e se houver tempo, diga-nos alguma cousa sobre os trabalhos da Santa Igreja que crescem, e pedem aviso. Emudeceram os Pastores?

Sou de V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão indigno e obrigadíssimo  
Frei Joaquim de Santo Agostinho.  
Lisboa Graça  
10 de abril d'98<sup>34</sup>

## CARTA 15 – 08-10-1798

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Em julho escrevi duas ou três vezes a V. Ex.<sup>a</sup> sem que até agora tivesse resposta de uma só: o que me persuade, que ou as minhas, ou as de V. Ex.<sup>a</sup> se desencaminharam. Elas continham negócios meus de mais de uma ordem. Em agosto [e] até 15 de setembro estive nas Caldas com o Senhor Prior Mor de Avis, cuja moléstia continua em bastante perigo: e pela assistência, que a amizade e gratidão pediam lhe fizesse, não me foi possível tirar uma cópia do papel, que prometera a V. Ex.<sup>a</sup> sobre os novos trabalhos, em que me comprometiam, como não tive resposta de V. Ex.<sup>a</sup>, parei; tendo por ora todo o cabedal junto, e esperando se desvaneça aquela lembrança, para então arranjar os meus pensamentos sem sustos de mentir, ou de desagradar. Amanhã parto para Avis, onde estarei só 8 dias, e torno a Lisboa, donde enviarei o papel prometido, e a cópia de uma sátira em pensamentos e palavras, que corre Manuscrito contra mim, ainda que pareça ser contra a mesma Memória sobre os Manuscritos de Alcobaça. Diz-se ser obra do Mestre Robalo, e que se destina à impressão: Deus o permita: e em todo o caso medito resposta séria e digna de aparecer, sem personalidades. Trata-se agora de um plano de estudos públicos do Reino: já veio remetido à Academia para o sentenciar. É um chefe de obra, diríamos à francesa. Deus queira que tanto bem se não evapore. A Academia ficará encarregada para sempre desta direção das Escolas etc. com o Subsídio Literário que arrecadará imediatamente para ser todo empregado na instrução pública. Em uma palavra: vamos à raiz do mal: e depois interessemos as gentes de letras na felicidade da sua pátria etc. Não preciso dizer mais nada. As despesas botarão a 80 contos anuais: e a instrução será universal, mas gra-

<sup>33</sup> João Pedro Ribeiro (1759-1839), famoso professor de Diplomática, compilador de leis e autor da obra *Memórias sobre as fontes do código filipino*. Foi também correspondente de Cenáculo nesta época. As cartas – 23 entre 1797 e 1804 – foram repertoriadas por Armando Gusmão (1944-1948, pp. 196 e ss) e publicadas, em 1880, pela Universidade de Coimbra (Ribeiro, 1880).

<sup>34</sup> Santo Agostinho, 1798a.

duada, de certo período em diante, segundo os destinos de cada classe, e cada indivíduo. Deus conserve a V. Ex.<sup>a</sup> a vida e as forças, que lhe desejo muito cordialmente e podendo ser, estimaria saber se com efeito V. Ex.<sup>a</sup> recebeu as minhas cartas, ou lhes deu resposta; para nos governarmos na nossa correspondência. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão indigno e Amigo  
Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lisboa  
8 de outubro<sup>35</sup>

## CARTA 16 – 13-11-1798

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Poucas cousas poderiam suavizar a minha mágoa na perda do Sr. Prior Mor de Avis<sup>36</sup>, que Deus haja, e que faleceu durante a minha ausência; mas naquele número entrou a carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 21 de outubro, que ainda agora me veio à mão. Reservo-me responder no seguinte correio. Hoje só escrevo para com esta remeter a V. Ex.<sup>a</sup> o papel incluso. Para então direi tudo; agora mal posso roubar estes momentos a mil cousas, que instam já. Encomende-me V. Ex.<sup>a</sup> a Deus que só ele [sabe] até onde me penetrou este golpe; mas seria igual o que me feriria, se a sua bondade não concedesse a V. Ex.<sup>a</sup> a saúde e vida que lhe desejo. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão indigno e obrigadíssimo Amigo.  
Frei Joaquim de S. Agostinho de Brito França

Galvão

Lisboa, Cruz da Pedra  
13 de novembro<sup>37</sup>

## CARTA 17 – 25-12-1798

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

V. Ex.<sup>a</sup> conhece-me muito bem, para dispensar prefações às minhas cartas de boas festas: eu desejo a V. Ex.<sup>a</sup> as melhores possíveis.

Pelas de meu Irmão tive notícia do favor, que V. Ex.<sup>a</sup> nos fez recomendando-o ao seu

<sup>35</sup> Santo Agostinho, 1798b.

<sup>36</sup> Refere-se à morte de frei Joaquim Forjaz, irmão de D. Miguel Pereira Forjaz, a 30 de outubro de 1798.

<sup>37</sup> Santo Agostinho, 1798c.



Coronel: veremos o resultado; mas qualquer que seja, a mercê, quanto era por V. Ex.<sup>a</sup>, está feita, e por ela lhe beijamos a mão.

Não tenho lembrança de ver em Alcobaça a Parte da Monarquia Lusitana em que V. Ex.<sup>a</sup> fala, nem vem anunciada no *Index Codicum Alcobatiae*<sup>38</sup>.

Ainda neste correio temo remeter a Resposta ao Exame Crítico do Mestre Robalo, pronta há dias; porque chegará aí alagada: irá logo que o tempo segure.

Incomodado com defluxo e outras pragas da estação, e até em respeito ao dia, não tenho comodidade para mais. Deite-me V. Ex.<sup>a</sup> a sua bênção, que lha merece quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão indigno e Amigo obrigadíssimo  
Frei Joaquim de S. Agostinho de Brito França

Galvão

Lisboa

25 de dezembro d'1798<sup>39</sup>

## CARTA 18 – 19-02-1799

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Não satisfiz até agora a promessa de remeter a V. Ex.<sup>a</sup> os papéis, em que falamos, porque desde então correram as tristes notícias da moléstia de V. Ex.<sup>a</sup>, que eu senti de todo o meu coração. Agora que ouvi outra cousa, e que felizmente podemos esperar a V. Ex.<sup>a</sup> um perfeito restabelecimento, se me não enganam, vou congratular-me com V. Ex.<sup>a</sup> por esta mercê, que Deus nos concede, e protelar pelo desempenho da minha palavra logo que V. Ex.<sup>a</sup> me faz certa a sua melhora. Também quisera dever a V. Ex.<sup>a</sup> o favor de me desenganar, se na sua Biblioteca tem a Coleção das cartas Jesuíticas de Tramezino<sup>40</sup>, e se nela vem 2 cartas do Padre José d'Anchieta em 1560, e se uma delas é escrita de São Vicente no fim de maio, e trata das Produções Naturais e qualidades do Clima e Habitantes do Brasil. É coleção que não é possível descobrir-se por cá; e importava sabermos se V. Ex.<sup>a</sup> a tinha, para conferir com a tal carta o Original, que apareceu, e vai imprimir-se. De mim nada acrescento, porque devo ser lacónico na dúvida do estado da saúde de V. Ex.<sup>a</sup>: eu lha desejo por muitos princípios. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Capelão indigno e Amigo obrigadíssimo  
Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito

França Galvão

Lisboa, Cruz da Pedra

19 de fevereiro de 1799<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> Deve referir-se ao *Index Codicum Bibliotheca Alcobatae*, Lisboa, 1775 (Nascimento, 1979, pp. 279-288).

<sup>39</sup> Santo Agostinho, 1798d.

<sup>40</sup> Pode referir-se às *Cartas jesuíticas* publicadas em Veneza, na oficina de Tramazzino, e reeditadas pela Academia Brasileira.

<sup>41</sup> Santo Agostinho, 1799a.

## CARTA 19 – 26-06-1799

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Por doente não respondi à de V. Ex.<sup>a</sup> do correio passado. Agora recebeu outra com os papéis. Entregarei a João Pedro a que lhe pertence. Estou muito embaraçado porque devo aprontar o Extrato de uma minha Memória assaz enfadonha sobre a proporção que houve entre os metais, que em todos os tempos da Monarquia constituíram a matéria do numerário. Esta Memória Histórico-Matemática é o fruto de anos de trabalho: lido que seja na Sessão Pública da Academia o dito Extrato, mandarei a V. Ex.<sup>a</sup> uma cópia, ou o mesmo original: há de gostar; e mais se fosse possível remeter a V. Ex.<sup>a</sup> a Memória inteira: Deus nos dê vida e paz e a seu tempo se porá em limpo. Com justiça se queixa V. Ex.<sup>a</sup> dos nossos velhos: boa gente na guerra: na paz tal e qual: muito descuidada de tudo que não era fazenda; e como zelosa da propriedade guerreira com entusiasmo: ergo(?) nada de letras. Depois estudou-se, e sabia-se; logo fanatismo e impostura. O mais é que nem aparecem aqueles mesmos títulos eclesiásticos que imprimiram Brito, Brandões e outros. A Academia da História tinha em seu poder quâsi tudo, e o melhor: veio o terremoto, e o fogo queimou quanto parava em poder do Secretário. A memória de Santa Senhorinha é cópia, e o original não podia passar do meio do século 12.<sup>o</sup> como disse na nota. Irei remetendo a continuação segundo se for imprimindo. Mas que trabalho material? Ex<sup>mo</sup>., Deus recompense; e faça que as nossas fadigas sejam úteis. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo obrigado

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lisboa

26 de junho<sup>42</sup>

## CARTA 20 – 18-07-1799

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Ainda que endividado, e mau pagador, atrevo-me a aparecer na presença de V. Ex.<sup>a</sup> onde me conduzem saudades, e obrigações. Se a estas tenho faltado, não é por frouxidão de amizades, que sobreviesse, ou por negligência: desculpe V. Ex.<sup>a</sup> a minha falta na certeza do muito que o amo e respeito: eu darei conta de mim logo que a saúde seja melhor, e me deixem respirar. Desde maio que vim para o campo por ocasião do casamento de D. Miguel Forjaz<sup>43</sup>, mas aqui mesmo não tenho tempo livre, nem saúde regular. Vivia consumido de cogitações tristes sobre as cousas do mundo, e sobre as minhas: Deus vai acudindo àquelas, segundo parece, e usou comigo da sua bondade muito inesperadamente. Vagando no Minho a Abadia de Lustosa junto a Guimarães, que é do Padroado *in solidum*

---

<sup>42</sup> Santo Agostinho, 1799b.

<sup>43</sup> D. Miguel Pereira Forjaz casou com D. Maria do Patrocínio Freire de Andrade em maio de 1799. Após o casamento, ficaram a viver na quinta de Santo António, mais tarde conhecida por palácio Pereira Forjaz ou da Cruz da Pedra. Nesta época, a cidade de Lisboa ainda não se expandira para esta zona, que era essencialmente agrícola, daí frei Joaquim de Santo Agostinho dizer “vim para o campo”.

desta casa, sem que eu fosse ouvido, fui apresentado nela a 22 do mês passado. Menos pela sua renda, que anda por 5 mil cruzados, do que pelo modo com que Deus se lembrou de mim, aceitei-a, e vejo-me cura d'almas, emprego, que sempre rejeitaria consultado. Não posso exprimir a V. Ex.<sup>a</sup> o que se tem passado depois disso dentro de mim: encomende-me V. Ex.<sup>a</sup> a Deus para que me assista quanto necessito agora. Os meus trabalhos vão ser interrompidos, pelo menos; porque me proponho corresponder, quanto puder, às vistas de quem me chamou por caminhos tão extraordinários. Devo, e quero ser Pastor às direitas. É agora mais que nunca que eu desejava uns dias de conversação com V. Ex.<sup>a</sup>: querendo Deus serão os meus desejos completos por estes 6 ou 8 meses próximos. Escrevi logo ao meu Prelado; e estimaria que ele me conhecesse por V. Ex.<sup>a</sup>, se nisto não houver inconveniente; porque desejava houvesse entre nós a mais perfeita harmonia, para bem daqueles, de que ambos teremos de dar contas mui exatas. Por [fol. 156v] ora não sei por quanto tempo se retardará a colação: complicado com negócios Académicos, de que é preciso sair airoso, devo conceder aos interesses da Sociedade alguns momentos mais. Depois do acontecimento soube que havia intenções de empregarem-me com proveito meu, e do público, segundo imaginavam: Sua Alteza e o Duque<sup>44</sup> o referem agora. A Providência chegou primeiro; e salvo o cuidado, que devo aos meus Fregueses, todo o resto empregarei em serviço de quem quizerem. O meu Colega João Pedro parece que será, transferida a cadeira de Diplomática para a Torre do Tombo, destinado ao seu arranjo: e o mesmo se preparava, como parte dos trabalhos que queriam confiar-me, para o seu Companheiro; mas eu não posso ajudá-lo agora. Esperei 10 anos: transtornei os meus estudos: fiz o que pude, e sempre entretido com palavras. Deus quis resgatar-me da vida de Pretendente: deu-me cuidados sérios; e se for bom Abade, nisto mesmo sou útil ao Estado. Horas vagas, se as pode haver, serão dadas de boa vontade à Academia, à Universidade, à Torre do Tombo etc. Julgo que este modo de pensar será da aprovação de V. Ex.<sup>a</sup>, a quem peço orações, conselho, e notícias de saúde; porque em tudo isto interessa muito quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo verdadeiro e obrigado

Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito

França Galvão

Quinta de Santo António

a Lisboa

Cruz da Pedra

18 de julho de 1799.<sup>45</sup>

## CARTA 21 - 18-03-1800

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Duas escrevi ultimamente a V. Ex.<sup>a</sup> da Quinta de Santo António, e de nenhuma recebi resposta: o que me pôs em cuidado sobre a saúde de V. Ex.<sup>a</sup>. Os negócios da Abadia, edição

---

<sup>44</sup> Pode referir-se ao duque de Lafões.

<sup>45</sup> Santo Agostinho, 1799c.

da Resposta ao P. Robalo, e mil outras cousas me privaram até agora de repetir tão gostosos officios depois que cheguei a Lisboa. Mas tendo de sair daqui para Braga hoje mesmo a realizar a colação da dita Igreja, não seria possível ausentar-me sem fazer a remessa desses exemplares, e pedir novas orações para que Deus dirija os meus passos. Ali espero achar as recomendações, que a V. Ex.<sup>a</sup> pedia na minha penúltima para o Prelado, não havendo nisto inconveniente. V. Ex.<sup>a</sup> dirá o que entende sobre o Exame Crítico e a Resposta; e porque os PP. [Padres], segundo se crê, o suprimiram ao ponto de se não conhecer por cá mais do que o único exemplar, que tenho, sobre ele tirei essa cópia, que também remeto na dúvida se V. Ex.<sup>a</sup> teria algum, e para facilitar a comparação. Julgo que respondi com dignidade: pelo menos não houve Amigo dos que estavam à mão, que eu deixasse de consultar, para que vissem e revissem se havia na Resposta expressão menos mesurada ou pouco decente. Sobre o aditamento *Et in divisione* etc. falei desenganadamente e com certo tom, para que se entendesse a razão suficiente do negócio. Tenho pena de que saíssem tais cousas dos claustros; e a Apologia é pior que o delito: nem compreendo, como se atreveram a publicar cousa tão injuriosa, mais a eles, do que a mim. Lá saberiam as suas razões. As que eu tive em vista na Memória e na Resposta, não são obscuras. Do Mundo Estrangeiro nada sei: há muito que espero sempre o pior; e talvez não me engano. Assim perco de vista acidentes tão variados, e nada cuido deles, quando o sistema é sempre o mesmo. A humanidade está enferma: Deus a curará. Em maio estarei de volta em Lisboa para ultimar alguns negócios e dar-me depois todo aos meus fregueses com mais sossego. Estimarei receber notícias de V. Ex.<sup>a</sup> em Braga, donde direi de mim. E as Fenícias. Serei invariavelmente

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo obrigado

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lisboa 18 de março de 1800.<sup>46</sup>

## CARTA 22 – 24-12-1801

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Depois da última, que recebi de V. Ex.<sup>a</sup>, e a que respondi, não me foi mais possível procurar notícias de V. Ex.<sup>a</sup>, aturdido com a guerra<sup>47</sup>, e inteiramente cansado do meu ministério, terrível em todo o tempo, e muito mais naquelas circunstâncias. Pude saber entretanto, que na saúde de V. Ex.<sup>a</sup> não havia novidade, e foi isto para mim um grande motivo de consolação. Deus conserve a vida de V. Ex.<sup>a</sup> por dilatados anos, já que tão precisa é à Santa Igreja, e de tanto interesse para todas as gentes de boa vontade. Seja feita em tudo a de Deus, e a ela vou sacrificando os meus dias: assim me aproveite o sacrificio! Sempre é muito grande o que faço, segundo o meu génio, e educação, em aturar tanta gente rude, teimosa, e de achaques inveterados: moo-me, e talvez aproveito pouco. Tive comodidade de buscar o Apocalipse do Santo Aprígio: se o houve em Braga, já o não há. Lembrei-me

<sup>46</sup> Santo Agostinho, 1800.

<sup>47</sup> Refere-se à Guerra das Laranjas.



de reimprimir a *Vida Cristã*<sup>48</sup> para uso da minha gente: dá V. Ex.<sup>a</sup> licença? Sem ela nada farei. Parece-me própria, pela brevidade e clareza; e como tomei sobre mim e o meu Cura ensinarmos aos rapazes [fol. 163v] as primeiras letras, menos por elas que pela doutrina e educação, servia aquele livrinho até para estes fins. E nisto mesmo ganho pouco: 6, que podiam ser 600; mas gado, milho, roço, vida, vida, e nada mais quer [a] gente, que mais nada sabe querer. Tenho por isto horas de melancolia, e devoro em silêncio pesares sem conto! Devo ao Senhor Arcebispo<sup>49</sup> consolações quantas pode dar quem tão bem carece delas, e pode[m] ser, maiores que os seus cooperadores. Estamos reduzidos na prática aos tempos primitivos: dizer; mas nada de (*sic*) compele. Se tivéssemos as graças exteriores daqueles tempos, não me queixava; mas sem elas, sem proteção, etc. etc. a não sei que diga, nem que faça. Enfim é uma nova carta de martírio. Não se esqueça V. Ex.<sup>a</sup> de mim, em todo o sentido. Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> m. a.<sup>50</sup> como lhe deseja quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e obrigadíssimo

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lustosa

24 de dezembro d'801<sup>51</sup>

## CARTA 23 – 16-03-1802

Ex.<sup>mo</sup>. e Rev.<sup>mo</sup>. Sr.

Não careço de procurar expressões singulares, com que dê a V. Ex.<sup>a</sup> os parabéns, ou antes à Igreja Eborense, pela nova Eleição: V. Ex.<sup>a</sup> está certo de quais são os meus sentimentos de estima, e amizade, que tributo a V. Ex.<sup>a</sup> desde que o tratei, e sei quanto devo a V. Ex.<sup>a</sup> desde então. Assim é tão natural como verdadeira a alegria do meu coração por este tão inesperado sucesso, que aliás estava muito na ordem das cousas, e sobre que se deveria contar como certo noutras circunstâncias. Os amigos me avisaram prontamente do que se passava, e há quem espere verificadas ideias antigas. Deixemos ao Senhor o cuidado de nos dar mais essa consolação; se for do seu agrado, e gozemos da do momento, que é digna de lhe ser muito agradecida por todos os que conhecem a V. Ex.<sup>a</sup> e aquela Igreja. Depois da última de V. Ex.<sup>a</sup> fui ao Pópulo: nada de Apocalipse, nem vestígios de que naquela Livraria houvesse o São Aprígio. E o mais é que nem os Breviários Manuscritos do Senhor Arcebispo Castro, conservados no Santuário daquele Colégio, existem nele atualmente e dentro de pouco tempo irão parar a alguma tenda. Ora, meu Senhor, Deus nos dê vida e forças para enchermos os destinos da sua Providência sobre nós. Sou

<sup>48</sup> *Vida cristã* é uma das obras mais célebres de D. frei Manuel do Cenáculo.

<sup>49</sup> Refere-se a frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga.

<sup>50</sup> Abreviatura de “muitos anos”.

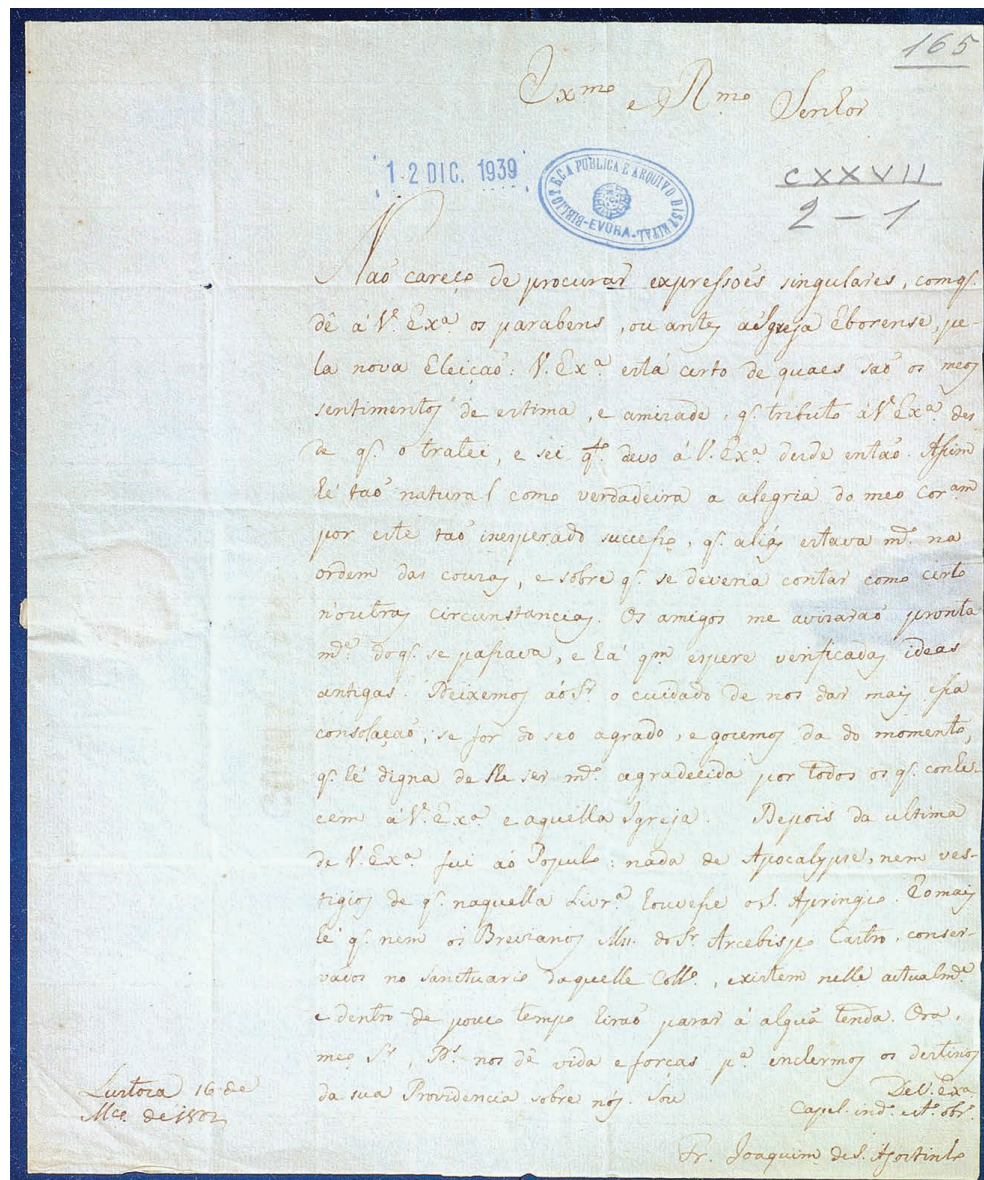
<sup>51</sup> Santo Agostinho, 1801.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo obrigado

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lustosa 16 de

março de 1802<sup>52</sup>

**FIGURA 4.** Carta de frei Joaquim de Santo Agostinho a D. frei Manuel do Cenáculo, datada de 16 de março de 1802.

<sup>52</sup> Santo Agostinho, 1802a.

## CARTA 24 – 20-04-1802

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Logo que tive notícia dos novos destinos da Divina Providência sobre V. Ex.<sup>a</sup>, apareci na sua presença do modo possível, e derramei o meu coração. A minha carta ia dirigida a Beja, e chegaria muito antes de V. Ex.<sup>a</sup> a deixar. Soube depois que V. Ex.<sup>a</sup> estava já em Lisboa, e com quais demonstrações de amor, e alegria foi recebido: isto me afetou sobremaneira, porque tributo a V. Ex.<sup>a</sup> uma amizade, que não sei explicar, e da qual não desejo maior recompensa do que conservar Deus a V. Ex.<sup>a</sup> na sua graça, e na dos homens, com saúde vigorosa e larga vida, porque eu e o mundo carecemos deste benefício do Céu. Ele é testemunha de que não escrevo senão o que sinto, e o que ardentemente desejo. Isto tudo vale mais que o sabido cumprimento de Boas Festas. Na minha saúde não há novidade. Sou

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e obrigadíssimo

Frei Joaquim de Santo Agostinho

Lustosa

20 de abril<sup>53</sup>

## CARTA 25 – [s.d.]

Ex<sup>mo</sup>. e Rev<sup>mo</sup>. Sr.

Com inefável prazer recebi a de V. Ex.<sup>a</sup> em data de 13 de março; porque me surpreendeu inteiramente: eu a não esperava; e por isso quando vi nas minhas mãos letra de V. Ex.<sup>a</sup> e tão boas notícias da sua saúde, confesso, que senti um desusado prazer, e pouco vulgar a quem está nas minhas circunstâncias. Seja Deus bendito: e ele conceda a V. Ex.<sup>a</sup> tantas felicidades de todas as ordens, quantas eu desejo a V. Ex.<sup>a</sup> por justa gratidão, e simpatia. A minha saúde, Senhor, não é regular, e sempre muito menos do que exigiam as funções da vida Pastoral: Deus sabe o que faz. No meio delas acho prazer e desgostos, misericórdias do alto, e vinganças: e de mistura tanta contradição, tanta rudeza, tão pouca fidelidade, que entendo deveras estar a Santa Religião reduzida a formalidades e jogo de amor-próprio. A causa pedia largas conferências: apagou-se o espírito, ao menos está abafado mais do que parece a quem não cuida disto. A minha melancolia é muito grande, e depois que entrei neste caminho tão difícil, pouco ou nada cogito do mundo literário: chego a imaginar, que caí em estupidez. Nem por isso vivo em ócio, ou abandonei as boas letras; mas em tudo e sempre, procuro as cousas que fazem *ad rem*, e até às vezes rio de mim mesmo, que gastei tantos anos em vaidades daquele género, nas quais não encontro já os atrativos de algum dia, e ao contrário nos mesmos objetos descubro afinidades e contactos com o que nos importa, e vou atrás deles, perdendo o mais de vista. O Senhor Arcebispo rogou-me

---

<sup>53</sup> Santo Agostinho, 1802b.

para buscar certas espécies no seu Arquivo: algumas semanas deste verão, em que conto de não sair de Lustosa para longe, serão destinadas a este exame, e não esquecera (*sic*) fazer o maior possível, até absoluto desengano, pelo exemplar do Santo Prelado sobre o Apocalipse. Suponho que ainda havia pensamentos de me resgatarem daqui para os antigos trabalhos literários: eu faço-me desentendido, porque deixar a residência, tirar pensões, etc. são cousas que não entendo: ou uma cousa, ou outra. Mas por ora, pouco se cuida destes assuntos, que voltarão a seu tempo. José [fol. 169v] Anastácio<sup>54</sup> é Amigo e incansável: se lhe proporcionassem meios, e vida desempecida, era capaz de muito e muito na nossa literatura. Pasma do que se tem trabalhado há 10 ou 12 anos, quase aponte: V. Ex.<sup>a</sup> bem me entende; mas poucos há dotados de tanto fogo, que se lhe não apague por falta de matéria combustível. Veremos se melhora o espírito e o gosto de saber, quando assentar esta poeira. Disponha V. Ex.<sup>a</sup> da minha vontade afetuosa, e rendida a todas as disposições de V. Ex.<sup>a</sup> como convém a quem é

Tenha V. Ex.<sup>a</sup> boas festas

De V. Ex.<sup>a</sup>

Capelão indigno e Amigo verdadeiro e  
obrigadíssimo

Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito

França Galvão<sup>55</sup>

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES

Lopes, J. B. S., 1845. *In Memoriam de Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão*. [manuscrito] Manuscritos. Série azul. Referência 1875. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Santo Agostinho, J. fr., 1792a. [Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 30 de agosto de 1792]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 137-137v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

<sup>54</sup> Refere-se a José Anastácio de Figueiredo.

<sup>55</sup> Santo Agostinho, J. fr., [s.d.]. [Carta a D. frei Manuel do Cenáculo]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 169-169v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1792b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 11 de setembro de 1792*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 138. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1793a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 04 de fevereiro de 1793*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 139. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1793b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 28 de outubro de 1793*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 140-140v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1794a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 14 de abril de 1794*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 141. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1794b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 26 de maio de 1794*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 142. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1794c. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 26 de agosto de 1794*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 143-143v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1794d. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 17 de novembro de 1794*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 144-144v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1795a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 05 de janeiro de 1795*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 145-145v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1795b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 03 de março de 1795*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 147-147v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1795c. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 24 de abril de 1795*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 148-148v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1797a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 17 de janeiro de 1797*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 149-149v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1797b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 03 de maio de 1797*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 150. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1798a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 10 de abril de 1798*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 151. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1798b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 08 de outubro de 1798*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 157. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1798c. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 13 de novembro de 1798*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 152. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1798d. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 25 de dezembro de 1798*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 153. Évora: Biblioteca Pública de Évora.



Santo Agostinho, J. fr., 1799a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 19 de fevereiro de 1799*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 154. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1799b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 26 de junho de 1799*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 155. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1799c. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 18 de julho de 1799*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 156-156v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1800. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 18 de março de 1800*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 159. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1801. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 24 de dezembro de 1801*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 163-163v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1802a. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 16 de março de 1802*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 165. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., 1802b. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo, de 20 de abril de 1802*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 167. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

Santo Agostinho, J. fr., [s.d.]. [*Carta a D. frei Manuel do Cenáculo*]. [manuscrito] Códice CXXVII/2-1, fol. 169-169v. Évora: Biblioteca Pública de Évora.

## BIBLIOGRAFIA

[S.a.], [s.d.]. *Frei Manuel do Cenáculo*. [imagem online] Disponível em: <<http://purl.pt/22988>> [Consultado em 12 de setembro de 2016].

Azevedo, C. A. M., 2011. *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834). Edição da coleção de memórias de Fr. Domingos Vieira, OESA*. Lisboa: CEHR – Universidade Católica.

Caetano, J. O., 2005. Os rostos da humanidade. Cenáculo e a arqueologia. In: *Imagens e mensagens: escultura romana no Museu de Évora*. Évora: Instituto Português dos Museus. pp. 49-57.

Cardoso, C. e Sousa, L., 2015. *São Tiago de Lustosa: paróquia, história e documentos*. Lustosa: Dalmática.

Fernandes, L. A., 2014. Frei Joaquim de Santo Agostinho França Brandão. *Revista Municipal de Lousada*, 15, 127.

Gusmão, A. N. org., 1944-1948. *Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*. Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital. Volume 3.

Nascimento, A. A., 1979. Em busca dos códices alcobacenses perdidos. *Didaskália*, [em linha] vol. IX, pp. 279-288. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14150/1/V00902-279-288.pdf>> [Consultado em 12 de setembro de 2016].



Patrocínio, M., 2006. O registo das antiguidades lusitânicas do sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo. *Promontoria*, 4, pp. 17-36.

Ribeiro, J. P., 1880. *Cartas de João Pedro Ribeiro ao arcebispo Cenáculo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Rüegg, W. coord., 2002. *Uma história da universidade na Europa, volume 2: as universidades na Europa Moderna (1500-1800)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Vaz, F. coord., 2009a. *D. Manuel do Cenáculo: instruções pastorais, projectos de bibliotecas e diário*. Porto: Porto Editora.

Vaz, F. coord., 2009b. *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Vaz, F. e Calixto, J. A. introd. e coord., 2006. *D. Frei Manuel do Cenáculo. Construtor de bibliotecas*. Lisboa: Caleidoscópio.

Vaz, F., 1993. *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII – Bento José de Sousa Farinha*. Tese de mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

Vaz, F., 2002. *Instrução e Economia. As ideias económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

Vaz, F., 2015. *Correspondência inédita dirigida a D. Frei Manuel do Cenáculo – As cartas de Joaquim Sá e Alexandre Faria Manuel*. [livro eletrónico]. Évora: CIDEHUS. Disponível em: <[https://issuu.com/cidehus/docs/ebookcartasfinal\\_18\\_dez](https://issuu.com/cidehus/docs/ebookcartasfinal_18_dez)> [Consultado em 28 de junho de 2016].

## ÍNDICE CRONOLÓGICO E RESUMOS DAS CARTAS DE FREI JOAQUIM DE SANTO AGOSTINHO A D. FREI MANUEL DO CENÁCULO

N.º	Localidade	Data	Resumo
1	Beja	30-08-1792	Carta em que faz um rasgado elogio às excelsas qualidades de Cenáculo, gabando-lhe as suas obras, das quais destaca os <i>Cuidados literários</i> .
2	Lisboa	11-09-1792	Carta em que participa a Cenáculo a sua feliz chegada a Lisboa, onde soube que frei Joaquim de Azevedo lhe enviara uma obra de sua autoria. Pede-lhe que dê notícias sobre esta obra às nações do Norte, para que saibam que, em Portugal, há homens doutos em línguas orientais.
3	Coimbra, Colégio da Graça	04-02-1793	Carta em que agradece a Cenáculo a oferta de uma <i>Pastoral</i> , a qual elogia. Pede-lhe desculpa pela demora na remessa de uns documentos que lhe prometera, mas, devido aos seus muitos afazeres, não lhe tinha sido possível enviar ainda. Envia-lhe cumprimentos de mestre Azevedo. Pede-lhe que o recomende à sua ilustre família.
4	Coimbra, Colégio da Graça	28-10-1793	Carta em que participa a Cenáculo a sua chegada a Coimbra e lhe pede desculpa por não ter agradecido, há mais tempo, os favores recebidos, devido aos seus embaraços económicos e literários. Comunica-lhe que acaba de receber a sua nova esmola por intermédio de frei Gregório. Conta-lhe os obstáculos que os seus patronos têm posto à sua graduação. Dá-lhe conhecimento dos seus trabalhos literários e pede-lhe para pôr o seu nome no frontispício das suas <i>Conclusões</i> . Fala-lhe de um aviso que permite aos regulares frequentar as Ciências Naturais e Exatas.
5	Coimbra, Colégio da Graça	14-04-1794	Carta em que elogia as virtudes de Cenáculo e na qual lhe promete enviar os trabalhos no correio seguinte.
6	Coimbra, Colégio da Graça	26-05-1794	Carta em que elogia Cenáculo e lhe agradece o envio do 2.º tomo das <i>Disposições</i> e as <i>Pastorais</i> , obras que muito apreciou. Participa-lhe que vai a Alcobaça examinar alguns documentos e que depois lhe comunicará os resultados das suas observações. Diz-lhe que o autor da <i>Memória de el-rei D. Sebastião</i> é frei Bernardo da Cruz. Em P.S., diz-lhe que os sucessos da ilha da Madeira e do Roussillon são lastimosos.
7	Lisboa, Graça	26-08-1794	Carta em que elogia muito Cenáculo e as suas obras. Fala-lhe de uma obra que vai imprimir, pedindo-lhe que a corrija. Participa-lhe que está a trabalhar no cartório do senado. Envia-lhe cumprimentos dos mestres Forjazes.
8	Coimbra, Colégio da Graça	17-11-1794	Carta em que participa a Cenáculo que, quando da sua volta para Coimbra, adoeceu. Remete-lhe, por mandado do visitador geral e seu irmão, frei Joaquim Forjaz, o <i>Plano</i> , para que veja as alterações que nele se devem fazer. Informa-o que os autores do <i>Plano</i> foram ele e frei Joaquim Forjaz. Faz várias considerações acerca do referido <i>Plano</i> . Pede-lhe que corrija o que quer que seja, tanto no <i>Regulamento</i> , como nos <i>Estatutos</i> e nas <i>Instruções aos Professores</i> .
9	Coimbra, Colégio da Graça	05-01-1795	Carta em que largamente fala a Cenáculo da irreligiosidade que lavra na Europa, louvando-o pelos seus trabalhos tendentes a acabar com ela.
10	Lisboa, Graça	03-03-1795	Carta em que diz a Cenáculo que, juntamente com os mestres Forjazes, concorda com a sua opinião acerca do Regulamento <i>Literário</i> . Dá-lhe várias notícias sobre este assunto. Participa-lhe ter sido encarregado da organização do <i>Corpo diplomático</i> , dando uma ideia da futura obra. Comunica-lhe várias notícias de Lisboa.
11	Lisboa, Graça	21-04-1795	Carta em que conta a Cenáculo as más vontades e atitudes vergonhosas que têm tido lugar por causa do <i>Plano</i> . Participa-lhe que o patriarca acaba de o nomear lente de Direito Natural, no seminário de Santarém, com renda de 300\$00. Diz-lhe que o <i>Corpo diplomático</i> está quase pronto para a censura.
12	Lisboa, Graça	17-01-1797	Carta em que participa a Cenáculo o trabalho dos professores regulares do seminário patriarcal de Santarém e o caos em que este se encontra. Fala-lhe do seu <i>Corpo diplomático</i> , dizendo que vai vagarosamente, devido às circunstâncias económicas e políticas.

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

13	Lisboa, Graça	03-05-1797	Carta em que conta a Cenáculo o que se passa com as suas <i>Conclusões</i> . Participa-lhe o estado em que está o seu <i>Corpo diplomático</i> e que já tem a <i>Memória sobre os códices de Alcobaga</i> na imprensa. Fala-lhe de outras obras que tem projetadas. Diz-lhe que trabalha uma <i>Económica sobre o Reino do Algarve</i> , que será extensa e exata no cálculo, bem como noutra obra sobre medidas. O <i>Compêndio de Direito Nacional</i> vai ser concluído em latim.
14	Lisboa, Graça	10-04-1798	Carta em que dá conhecimento a Cenáculo sobre uns papéis em que ele e o Dr. João Pedro estão a trabalhar e que, depois, lhe comunicarão o resultado. Comunica-lhe que o seu <i>Breve</i> de trasladação para Avis ainda não chegou. Revela-lhe que “as integras até o fim do século 12 <sup>o</sup> estão já impressas, e continuamos os Extratos, e catálogo de Impressos até à dita época: e tudo fará o 1 <sup>o</sup> . Tomo. Espero poder comunicar a V. Ex. <sup>a</sup> em segredo todos os Cadernos impressos, logo que chegue aqui o meu Colega, que vem ajudar-me: porque a cada um de nós se confia um exemplar; poderemos então ficar ambos com um, e emprestar o outro a V. Ex. <sup>a</sup> ” (Santo Agostinho, 1798a).
15	Lisboa	08-10-1798	Carta em que diz a Cenáculo que o prior-mor de Avis continua bastante mal. Fala-lhe de uma sátira que corre contra ele, que dizem ser obra de mestre Robalo, e que se destina a ser impressa. Diz ainda que se fala de um plano de estudos públicos do Reino, que já foi remetido à Academia para ser sentenciado.
16	Lisboa, Cruz de Pedra	13-11-1798	Carta em que dá nota a Cenáculo do falecimento do prior-mor de Avis, algo que lhe causou grande mágoa, e que a carta de Cenáculo o ajudou a suavizar a dor sentida.
17	Lisboa	25-12-1798	Carta de civilidade a desejar boas festas a Cenáculo.
18	Lisboa, Cruz de Pedra	19-02-1799	Carta em que se congratula pelas melhoras de Cenáculo e lhe pede uma informação acerca de duas cartas do padre José de Anchieta, de 1560. Pergunta-lhe se tem, na sua biblioteca, a coleção das <i>Cartas jesuíticas</i> , de Tramezzino, e se nela constam duas cartas do padre José de Anchieta, de 1460, e se uma delas foi escrita de S. Vicente, no fim de maio.
19	Lisboa	26-06-1799	Carta em que acusa a Cenáculo a receção de uns papéis. Diz-lhe andar atarefado em aprontar um extrato da sua <i>Memória Histórico-Matemática</i> , que lhe enviará para ler, depois de ser lida na sessão pública da Academia das Ciências de Lisboa. A memória é sobre a proporção que houve entre os metais que, em todos os tempos da monarquia, constituíram a matéria do numerário.
20	Lisboa (Cruz de Pedra)	18-07-1799	Carta em que pede desculpas a Cenáculo por não lhe escrever há mais tempo, justificando que a sua saúde não lho tem permitido. Comunica-lhe a sua nomeação para a abadia de Lustosa, no Minho, sem o consultarem, e que, por este motivo, tem de interromper os seus trabalhos. Diz-lhe que, nas horas em que a sua abadia o deixar livre, se dedicará a trabalhar para a Academia das Ciências de Lisboa, para a Universidade de Coimbra e para a Torre do Tombo.
21	Lisboa	18-03-1800	Carta em que comunica a Cenáculo a sua partida para Braga, para realizar a colação da igreja da Lustosa. Fala-lhe da sua resposta à sátira que mestre Robalo lhe havia feito, mandando-lhe uma cópia para que veja se não há nela nenhuma expressão injuriosa. Pede-lhe que lhe escreva para Braga.
22	Lustosa	24-12-1801	Carta em que diz a Cenáculo que anda muito aturdido com a guerra e com os trabalhos do seu ministério, que têm sido terríveis. Pede-lhe licença para reimprimir a <i>Vida cristã</i> , para educação dos rapazes.
23	Lustosa	16-03-1802	Carta em que dá os parabéns a Cenáculo pela sua eleição para arcebispo de Évora. Dá-lhe informações acerca de alguns livros que lhe pediu: “Depois da última de V. Ex. <sup>a</sup> fui ao Pópulo: nada de Apocalipse, nem vestígios de que naquela Livraria houvesse o São Aprígio. E o mais é que nem os Breviários Manuscritos do Senhor Arcebispo Castro, conservados no Santuário daquele Colégio, existem nele atualmente e dentro de pouco tempo irão parar a alguma tenda” (Santo Agostinho, 1802a).
24	Lustosa	20-04-1802	Carta de civilidade, referindo-se à carta anterior e desejando saúde e longa vida a Cenáculo.
25	[s.l.]	[s.d.]	Carta em que lamenta a Cenáculo a sua falta de saúde e a tristeza em que vive, devido a tanta irreligiosidade. Diz-lhe que vai reservar algumas semanas do verão para fazer buscas no arquivo do seu prelado, a pedido deste, e tentar informações sobre o <i>Apocalipse de Santo Aprígio</i> . Refere-se ao labor literário de José Anastácio. Deseja-lhe boas festas.